

Público P2



Robert Macfarlane
“O solo continua a ser algo misterioso, mas crucial”

P12 a 15

Estado Novo Nuno Palma responde a Fernando Rosas

P10/11



Em Portugal, é no Parque de Montesinho que os lobos mais se sentem em casa P4 a 9

Índice

4 **Reportagem**
Entre pastores
e ovelhas, Montesinho
é um refúgio para
o lobo-ibérico

10 **Opinião**
A profundidade
histórica do atraso
português

12 **Entrevista**
Robert Macfarlane
“Sabemos mais sobre a Lua
do que sobre o que está
debaixo de nós”

O miserável

O que é meu é teu
Vítor Belanciano

A cabeça da maior parte das pessoas já está no Verão. Apesar dos avanços e recuos da pandemia, já só existem olhos para Sol, praia, vacinas, regresso à normalidade, Europeu de futebol, bazuca financeira, defender uma ou outra causa consensual nas redes sociais, que fica sempre bem, e já está.

Fazer pela vidinha, que os tempos não estão fáceis. E depois existem os outros. Os remediados, com ordenados miseráveis, endividados, mas que fingem para si próprios, ou para ou outros, que tudo se há-de compor, projectando um misto de esperança e de exasperação numa eventual redistribuição eficaz da riqueza. Mas há ainda um outro patamar. Lá no fundo. Muitos sem tecto para viver, arrastando-se, sem horizonte, alguns assim antes da pandemia, mas muitos lançados para a rua nos últimos meses. Em Lisboa, encham as arcadas de prédios ou zonas abandonadas. De dia, vagueiam, pedindo ajuda.

“Oh! Miserável! Sai mas é daqui! Não podes estar aqui a incomodar!” A frase foi esta. Eu era um dos que, estando sentado numa esplanada no Largo da Graça, em Lisboa, a almoçar, estavam a ser “incomodados” pelo “miserável”. Tinha acabado de ser vacinado e partilhava nas redes sociais esse feito, pateticamente orgulhoso sabe-se lá do quê, mas aquele “miserável”, dito pelo empregado do restaurante, ficou-me.

Vivemos tempos em que existe uma parte da opinião pública que renega todas as conflitualidades que remetem para as palavras e o seu significado. “Isso é coisa de quem não tem mais nada para fazer”, argumentam. E ali fiquei eu a matutar naquilo, porque aquele “miserável”, dito daquela forma contundente, não era apenas uma referência de condição, era em simultâneo um julgamento e uma acusação.

Longe vão os tempos em que mi-

serável era aquele que, por causa da sua situação de fragilidade, era digno de compaixão. Esse sentido seminal da palavra já lá vai. Agora, miserável é aquele que age de forma indigna, avarenta, abjecta e desonesta e não há compreensão pela vulnerabilidade humana ou pela pobreza extrema, apenas condenação ou punição. A genética linguística tanto nos transporta para o que se encontra numa situação lamentável, que não tem onde cair morto, como para aquele que não compreendemos muito bem, o que nos assusta.

Hibridizar pobreza e desprezo no mesmo enquadramento conceptual não é inocente. Por detrás dessa engenharia semântica, esconde-se o receio, a criminalização e a conversão dos pobres em miseráveis, no sentido moral. Não é apenas a aversão ao pobre. É acusá-lo dessa condição. É dizer que é merecedor dessa circunstância, como se ser pobre fosse uma decisão, construindo-se a falácia de que é apenas a vontade que medeia os processos meritocráticos. Dessa forma, transfere-se a questão para a esfera da ética individual, quando ela diz respeito a todos nós, sendo estruturalmente política. Omite-se a pobreza como questão colectiva ou então abre-se espaço à caridade ou assistencialismo, que serve para apaziguar consciências, mas que não resolve o problema, muitas vezes servindo até para o perpetuar. Dessa forma, cria-se a ideia de que os pobres o são apenas porque não se esforçaram o suficiente. Vêmo-los prostrados no chão, culpabilizamo-los por isso, ao mesmo tempo que nos fortalecemos narcisicamente por não estarmos na mesma situação. Mas nunca se sabe. A fronteira entre ser o empregado ou o cliente da esplanada do restaurante e os que caíram na rua e a quem apelidamos de forma estigmatizante de “miseráveis” tem vindo a estreitar-se. Mas depois do Verão logo se vê isso.

Jornalista

Desalinho
Cristina Sampaio

A seguir

Proibição da venda de produtos de plástico descartáveis

“Morte
ao plástico!”

Num gesto de sofreguidão típico dos decisores políticos, sempre disponíveis para cumprir o adágio “ser mais papista do que o Papa”, o Governo português anunciou em Fevereiro de 2019 que anteciparia em meio ano a transposição da directiva europeia que proibia até 2021 a venda da maioria dos produtos de plástico descartáveis. Esta pressa muito portuguesa de querer mudar o mundo de um dia para o outro (ou a política a cavalgar a onda do politicamente correcto) foi travada pela pandemia e pelos novos quotidianos que ela impôs. Num exemplo irónico de como o que era descartável se

tornou importante, pensemos na solução *take away* e nos plásticos para usar e deitar fora que ela envolve. Agora, com as expectativas mais refreadas, a data para a entrada em vigor da nova legislação é 1 de Julho, mas com um articulado cheio de excepções e metas para além de 2030. Nesta primeira leva, fica decretada a sentença de morte para cotonetes, talheres, pratos ou palhinhas de plástico, agitadores de bebidas ou varas para serem fixados balões, recipientes para alimentos e bebidas de poliestireno expandido. A “morte ao plástico!” terá depois outros episódios. **S.B.G.**

16 **Série Patrimónios contestados (VII)**
Património ou constrangimento? A identidade conflituosa do templo goês

22 **Estar bem**
Nós, os ratos e os adoçantes

23 **Obituário**
Kenneth Kaunda
Um pan-africanista também chora

Ficha técnica
Director Manuel Carvalho
Directora de Arte Sónia Matos
Editor Sérgio B. Gomes
Designers Marco Ferreira e Sandra Silva
Email sgomes@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

O avô é imortal



*Tanto faz
não é resposta*
Carmen Garcia

Em circunstâncias normais, estas palavras estariam a ser escritas ao mesmo tempo que a brisa me impregnava o quarto com o cheiro enjoativo das farturas e que uma voz cheia de efeitos me adentrava a casa enquanto anunciava o preço dos bilhetes para a pista de carrinhos de choque. Mas este é o segundo ano em que as circunstâncias não são normais e em que a cidade que me viu nascer não vê a Feira de São João tomar conta do Rossio.

Cresci com esta feira, sabem? Mesmo antes de viver em Évora, era certo e sabido que o Rossio, em Junho, era local de visita obrigatória. A minha mãe aproveitava para comprar facas de cabo de madeira, daquelas que cortam bem de verdade, e eu delirava com os carroséis que me pareciam enormes e tão divertidos. O meu pai, que na verdade sempre gostou pouco de ajuntamentos, fazia o frete para nos ver felizes e conseguia-o. E talvez por perceber desde cedo que fazer 50 quilómetros para passear numa feira era uma coisa que ele só fazia porque nos amava, nunca deixei de o associar a estes dias.

Quando o meu pai fez 60 anos, menos de duas semanas após uma cirurgia cardíaca para colocação de uma válvula aórtica mecânica e de um *bypass* coronário, depois de um episódio de vômito em casa, o coração dele decidiu deixar de bater. E se não sabem o que é angústia, eu digo-vos que angústia é estar do lado de fora de uma sala de emergência depois de o vosso pai ter estado em paragem cardiorrespiratória, saberem que ele está a lutar pela vida lá dentro e não poderem fazer mais do que rezar ao Deus em que o vosso coração quer acreditar, mas que o vosso cérebro teima em gritar alto não existir.

Já era noite quando o meu pai estabilizou e foi levado para o bloco operatório. Apesar da intervenção recente ao coração, o

problema estava na vesícula e tinha-se instalado uma inflamação da membrana que envolve a nossa cavidade abdominal. O quadro era grave e a cirurgia tinha tudo para ser complexa, não só pela medicação que tinha iniciado depois da cirurgia cardíaca, mas pelos valores analíticos que, nas palavras de um dos médicos que o assistiu na urgência, eram um autêntico descalabro. A cirurgia, preocupada, veio falar comigo antes do procedimento e disse-me que o quadro era demasiado complexo e o prognóstico tão reservado que era melhor preparar a minha mãe para o pior e não acalantar grandes esperanças.

Faltou-me o ar. Juro que me faltou o ar. Queria respirar e não conseguia. Queria falar e não encontrava as palavras. Mas lá encontrei uma réstia de força e, depois de atabalhoadamente pedir à médica que fizesse o melhor possível, saí a correr do hospital e sentei-me num passeio escuro perto de um parque de estacionamento. Era dia 18 de Junho. E apesar de ter esquecido tal facto durante quase todo o dia, o cheiro a fritos dominava o ar e a música pimba sobrepunha-se a todos os ruídos. De repente, o ar voltou aos meus pulmões. Levantei-me e comecei a caminhar. Fui à feira.

Passei pela feira durante as quatro horas que o meu telemóvel demorou a tocar. Mas soube antes de o atender que tinha corrido tudo bem. Não me perguntem como nem porquê e saibam que sou a pessoa menos mística deste mundo. Mas eu soube. E a voz da minha colega, do outro lado, confirmou. “Correu melhor do que o previsto”, disse-me ela. “Eu sei”, respondi.

Se ela achou que eu tinha enlouquecido, teve o mérito de disfarçar bem e, de forma muito profissional, informou-me que o meu pai iria seguir para os

*Eu queria
levá-los à feira
como o meu
pai me fazia.
Queria dar-lhes
um churro
cheio de
gordura
e chocolate
e comprar-lhes
senhas para
que pudessem
andar de
carrossel até se
sentirem tontos*

cuidados intensivos, mas que, muito provavelmente, seria ainda extubado durante a noite. E eu desliguei o telemóvel, dei mais uma volta pela feira, fui comprar duas farturas cheias de gordura, açúcar e canela como o meu pai costumava comer e levei-as para casa. Ninguém as comeria, é certo. Mas no meio daquela noite tão estranha achei, por alguma razão, que ir comprar as farturas era uma coisa que fazia imenso sentido.

E se a feira de São João já era importante para mim, depois deste 18 de Junho, tornou-se ainda mais. Não falhei uma única edição, ainda que em 2018, a “rebrantar pelas costuras” de grávida, tenha demorado menos do que 15 minutos no meu passeio anual. Mas tinha de lá ir, percebem? Tinha de ir respirar aquele vento frio (faz sempre frio nas noites do São João), tinha de ir percorrer aquelas ruas de sempre, tinha de entrar nos pavilhões que parecem montados a papel químico de uns anos para os outros, porque uma parte da história da minha vida foi escrita ali.

Este ano estou em casa. A creche dos miúdos está fechada porque uma criança testou positivo à covid-19 e eles estão em isolamento profilático há 11 dias. Não houve feira pelo segundo ano. Estamos em Junho, é noite, não ouço o barulho dos megafones onde se anunciam três cuecas de algodão por cinco euros e as ruas estão tão desertas que mais parecem assombradas. A pandemia continua a roubar-nos partes da vida. E estas pequenas partes são as que mais me têm doído.

Este isolamento dos pequenos tem sido mais difícil do que os longos períodos de confinamento que vivemos. Cada dia parece durar um século. Eles arrastam-se pela casa, perguntam quando podem ir ao parque e a casa dos avós, e eu arrasto-me atrás deles enquanto vou torcendo para que as horas passem mais depressa. Sinto que fomos os três apanhados por uma espécie de letargia que

colocou a nossa vida em pausa. Eles são meninos pouco habituados a estar presos.

E eu queria levá-los à feira como o meu pai me fazia. Queria dar-lhes um churro cheio de gordura e chocolate e comprar-lhes senhas para que pudessem andar de carrossel até se sentirem tontos.

Queria que a infância deles fosse tão normal quanto possível. Sem máscaras, com festas de aldeia, com feiras e romarias. Acho que o meu mais novo nem tem noção de que é possível andar na rua de cara destapada e saber isso parte-me o coração. No outro dia, depois de lhes dar banho, fui dar com o Pedro a enfiar o cotonete com que lhe limpei os pavilhões auriculares dentro do nariz do irmão enquanto lhe dizia “sossegado que isto é para testar se tens o coronavírus”. E eu quase chorei.

Quase chorei porque de alguma forma sinto que estamos a roubar a estas crianças muitas oportunidades que não voltam, porque sei que um dia vou amaldiçoar cada hora que eles passaram longe do colo dos avós, porque sinto que esta pandemia, que teima em manter-se viva, depois de todas as contas feitas, nos vai sair demasiado cara em afectos e experiências.

É claro que nada disto vale uma vida e, por aqui, mais ou menos cansados, continuamos e continuaremos sempre a cumprir. Mas caramba, tanto que quero pegar nestes dois e levá-los pela mão a passear nas ruas da feira. E um dia, quando eles já tiverem capacidade para entender, vou dizer-lhes que foi ali, naquelas ruas empedradas e naquela terra batida do Rossio, que tive a certeza de que o avô Januário estava vivo e que é ali e só ali, naquela feira, que a cada ano comprovo que o avô é imortal.

Enfermeira



Entre pastores e ovinos
é um refúgio para o



Reportagem O Parque Natural de Montesinho é um dos habitats com mais potencial para o lobo-ibérico. No meio de pastores e do verde que cobre a região, este animal selvagem encontra um refúgio diferente daquele que tem noutros locais. Mas porquê?

Por **Ivo Neto** texto e **Rui Oliveira** fotografia

Cabras e ovelhas poupadas

A pastora Maria Ana Martins tem 63 anos e passa grande parte dos dias na companhia dos 120 animais que leva a comer nos campos em Vinhais. “Nunca vi um lobo, mas sei que eles andam por estas zonas. É, por isso, que temos aqueles dois cães grandes”, conta. O facto de o Parque de Montesinho ser rico em presas silvestres, como o corço ou o javali, faz com que os lobos ataquem menos as cabras ou ovelhas, situação que também evita conflitos com o ser humano

Na frente do jipe todo o terreno, Gonçalo Costa leva uma folha A4 com 36 pequenos quadrados. Como num jogo de orientação, cada desenho representa o local onde o biólogo colocou uma câmara de fotoarmadilha no coração do Parque Natural de Montesinho para confirmar a presença do lobo-ibérico naqueles terrenos.

“Cada um dos destes quadrados cobre cerca de 25 quilómetros quadrados, o que corresponde a 900km² distribuídos pelo concelho de Vinhais. Além dos lobos, também importa compreender que animais passam por aqui. Nas imagens é comum encontrar veados, corços, javalis e outras presas naturais do lobo. Com isto, conseguimos perceber quais os locais onde é mais fácil as alcateias se instalarem”, explica o especialista, que nas últimas semanas recolheu grande parte destas câmaras que foram colocadas no início de Março.

Camufladas entre as árvores e as giestas que na Primavera cobrem Montesinho de um amarelo intenso, cada um destes pequenos aparelhos é colocado de forma a passar despercebido pelo alvo deste *big brother* animal. Deixando o asfalto, entramos num terreno de terra batida e mergulhamos em matos de urzes e estevas.

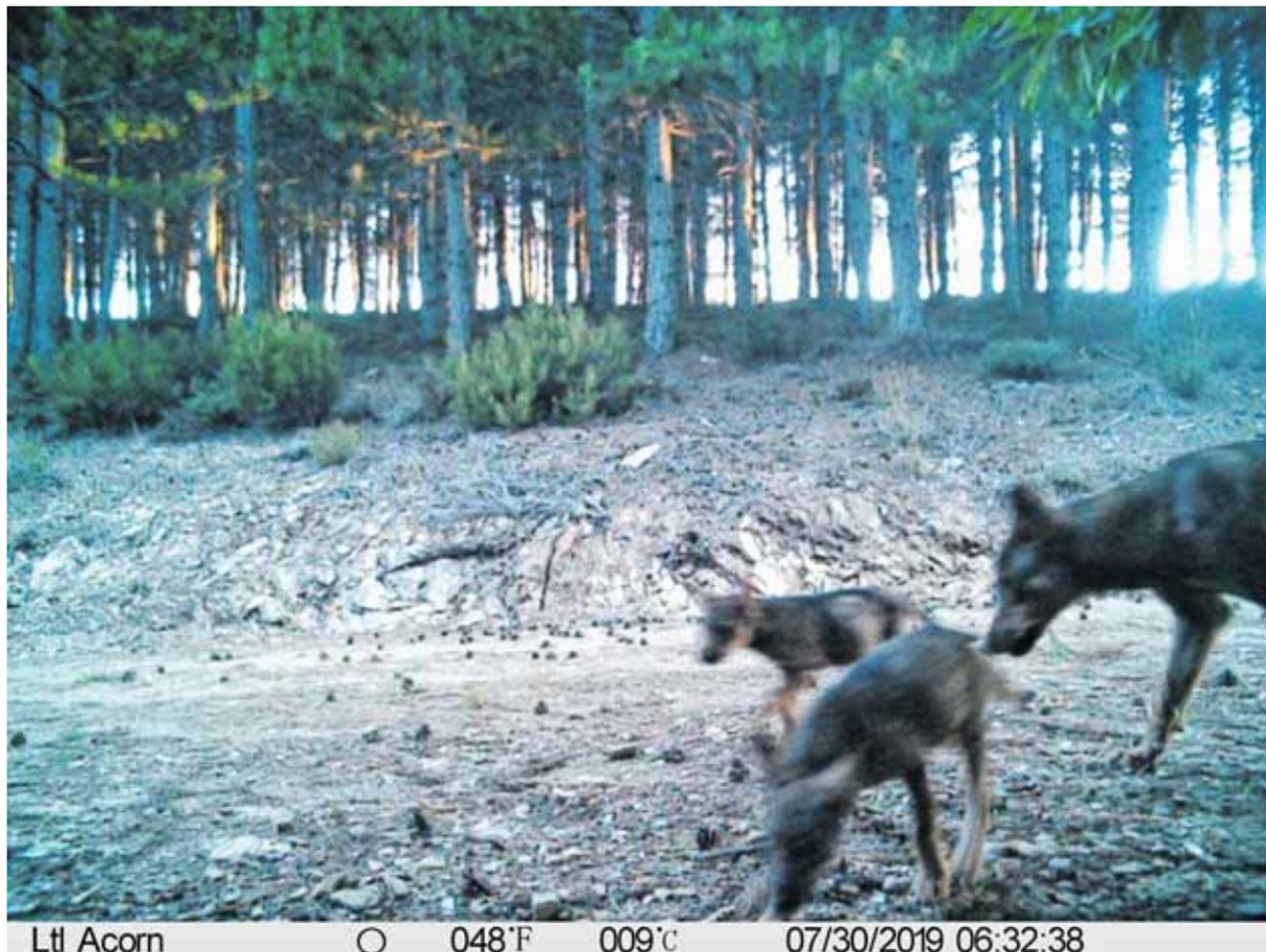
Num pequeno carvalho, o biólogo da consultora ambiental Bioinsight e estudante de doutoramento na Universidade de Aveiro retira uma dessas câmaras, que estão programadas para disparar sempre que registam movimento. “Nesta temos cerca de 600 imagens. É um bom número. Se tivéssemos mais de mil era sinal de que tinham sido captadas mais imagens sem

interesse, como folhas ou ovelhas que por ali passam. Quando isso acontece, temos de corrigir a localização para a próxima vez que as colocarmos no terreno”, explica enquanto tenta descortinar um lobo entre as fotografias. Deixando este ponto, descemos por mais um caminho e Gonçalo faz uma travagem repentina. No meio do caminho, e do pó que entretanto se levantou com o deslize dos pneus, identifica um dos elementos que ajuda a provar a presença do lobo-ibérico na zona: um dejecto. Menos ostentoso e elegante que o lobo em si, este elemento é essencial para o trabalho dos especialistas. “Não é assim tão fácil ver ao vivo na natureza e em liberdade um lobo. Por isso, temos de aproveitar as pistas que encontramos”, atira.

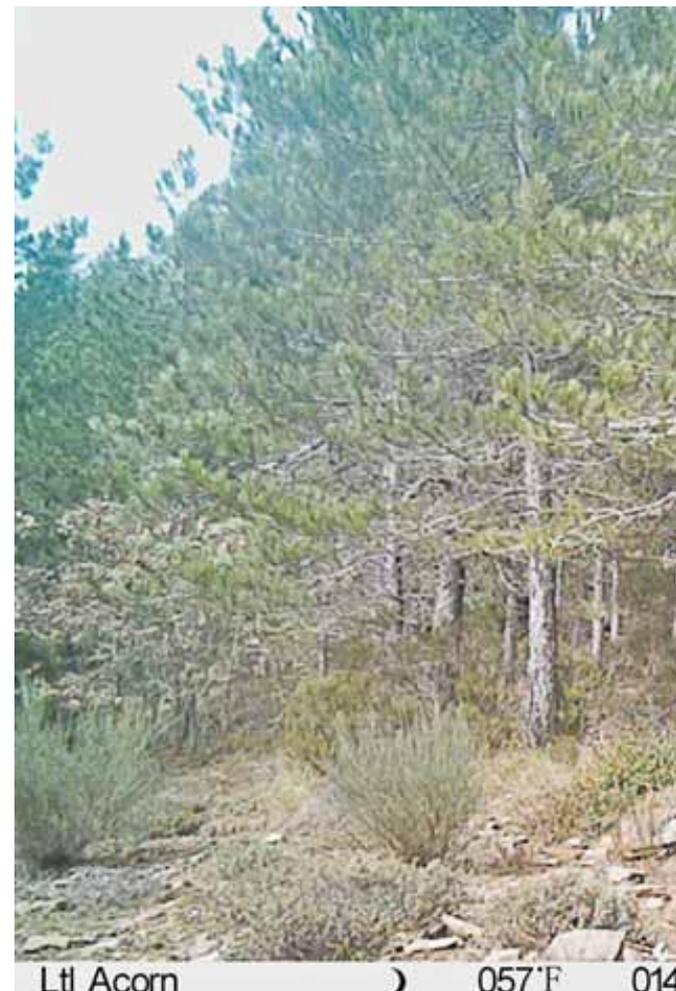
Gonçalo pega numas luvas e na caixa que traz na parte traseira do jipe. Recolhe o material e dá conta da primeira pista que consegue extrair. “Está coberta de pêlo de alguma presa que este animal comeu. Pode ser um corço ou um veado. O Parque Natural de Montesinho é rico em presas silvestres, o que facilita que estes animais aqui se estabeleçam sem terem, por exemplo, de atacar as cabras ou ovelhas, evitando conflitos com o ser humano”, diz.

O material é recolhido e vai ser enviado para análise laboratorial. Além de perceber qual a refeição deste lobo, é possível identificar componentes genéticas, dados essenciais para perceber que lobos são e a variabilidade genética dos exemplares. “É muito possível que na próxima câmara surjam logo imagens de lobos”, atira o biólogo. Cada vez mais distantes do asfalto, que contrasta com a vegetação imponente deste Parque Natural, afundamo-nos pelo terreno cada vez mais sinuoso e longe da presença humana. →

Ovelhas, Montesinho o lobo-ibérico



Ltl Acorn ○ 048°F 009°C 07/30/2019 06:32:38



Ltl Acorn) 057°F 014

A selfie do lobo

O local onde o aparelho foi instalado é averso a aleatoriedades: está perto de uma passagem de terra batida, numa espécie de cruzamento, usada em tempos antigos pelo Homem e onde agora apenas se passa de carro, junto a uma linha de água, que se ouve ao fundo, numa combinação perfeita com o amarelo das giestas e o verde dos matos. “Apesar de selvagem, o lobo gosta de usar estes percursos de terra batida que são mais fáceis para andar e o ajudam a poupar energia. Além disso, temos aqui uma zona de água. É, por exemplo, essencial para as fêmeas quando parem. Não têm de fazer grandes deslocações, evitando deixar as crias sozinhas”, diz. Em média, cada nova ninhada é composta por quatro crias, mas apenas metade chega ao primeiro ano de vida. Alguns “morrem logo à nascença ou sofrem doenças” e podem, mesmo que a probabilidade seja menor, ser alvo de outros predadores, como águias.

Depois de recolhida a câmara, Gonçalo faz uma pequena pesquisa e mostra fotografias de javalis, corços e até algumas ovelhas que por ali passaram. No meio surge a imagem de um lobo, que aparece como que a olhar para a câmara. Foi captada no início de Abril antes das 7h. “Sabemos que este é um dos locais onde existirá pelo menos uma alcateia. Este animal pode ter trilhado o caminho apenas de passagem ou até pode ter ido caçar”, conta o biólogo que, antes de percorrer Montesinho, passou, por exemplo, pelo Parque Natural do Alvão, dedicando-se, igualmente, a compreender a evolução da presença destes animais na região.

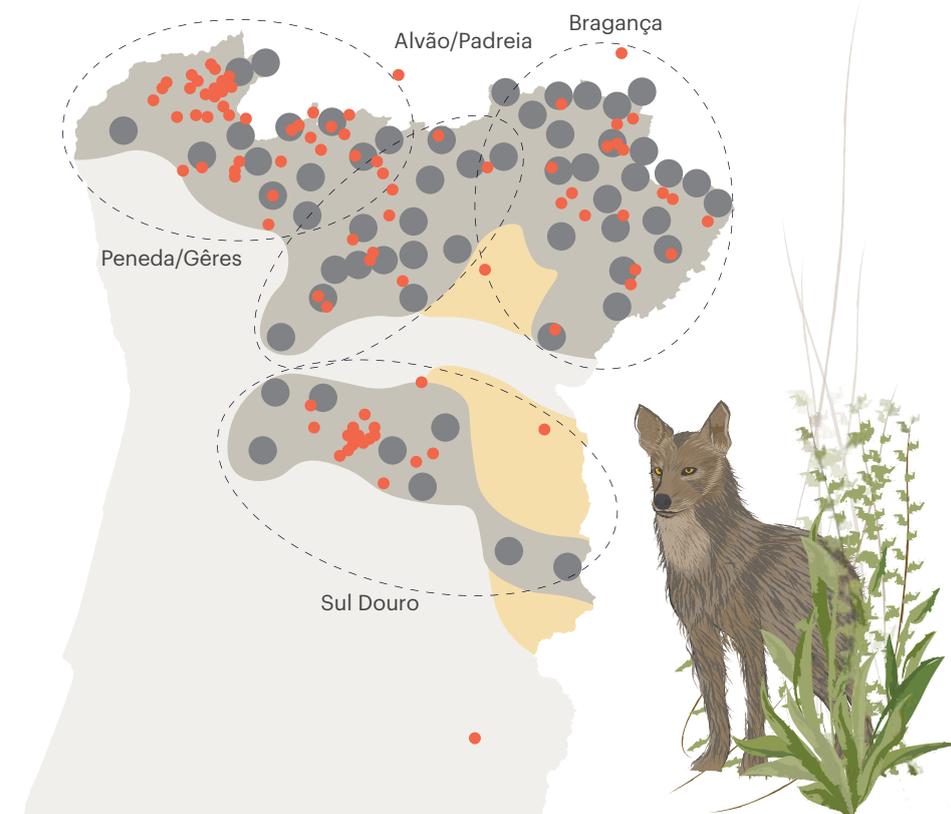
Além da técnica de fotoarmadilhagem e da procura de dejectos, as estações de escuta são outras das formas de perceber a presença do animal em determinado território. Quando o sol está já na fase

poente, e principalmente nos meses de Julho a Setembro, pouco depois de as primeiras crias terem nascido, os especialistas fazem sequências de uivos simulados a partir de pontos altos próximos dos prováveis locais de criação, com uma pausa de um a dois minutos. Mais uma peça essencial para

montar o complexo *puzzle* da vida do lobo no Nordeste transmontano. Após a confirmação da presença dos animais, são também realizadas, ainda de forma pontual, estações de espera ao nascer e pôr do Sol para observação dos animais com binóculos e telescópios.

Distribuição dos lobos mortos em Portugal

● Lobos mortos ● Alcateias censo nacional 2002/2003
 ■ Área de distribuição do lobo ■ Área de presença irregular



Fonte: ICNF

PÚBLICO

A queda de um animal que dominou em todo o território

Os resultados que estão a ser obtidos no concelho de Vinhais contribuirão para um projecto mais amplo, coordenado pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), e que visa fazer o recenseamento da população de lobo a viver em Portugal.

Os últimos censos remontam a 2002 e, de acordo com o ICNF, em Portugal existiam cerca de 60 alcateias, correspondendo a 300 animais. De acordo com dados do Grupo Lobo, uma associação não-governamental de ambiente, existirão actualmente em Portugal entre 200 e 400 animais a viverem em liberdade. Sobre os dados agora recolhidos, e que apenas serão conhecidos em 2022, não há certezas. “Não acredito que existam muitas alterações face a esses números”, aponta Francisco Fonseca, professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, fundador e presidente da direcção do Grupo Lobo. Uma perspectiva corroborada pelo ICNF, que, ao P2, diz “verificar-se alguma estabilidade a nível nacional quer em termos de distribuição, quer em termos de alcateias”.

Um cenário, que apesar de ter estabilizado nos últimos anos, é completamente distinto daquele que acontecia no início do século passado. “Estima-se que a área de distribuição do lobo em Portugal entre 1900 e 1930 fosse de 44.100km², tendo diminuído para 29.600km² em 1960 e para 24.200km² na década de 80”, aponta Francisco Fonseca. “As estimativas dão conta de que, antes do ano 2000, o lobo ocuparia apenas 20% da sua área de distribuição original, que, durante largas décadas, abrangeeria quase a totalidade do território português”, indica o especialista.



Planeamento territorial e fiscalização

As razões multiplicam-se para o decréscimo significativo desta espécie animal em Portugal. No país, o lobo, com o estatuto de ameaça de “em perigo”, não pode ser caçado desde 1990, ao contrário de Espanha, que apenas este ano aprovou uma lei para proibir a caça do lobo-ibérico.

Mas, ainda assim, são constantes os relatos de animais mortos em laços para javalis. “Os laços são colocados para apanhar os javalis, mas, como é uma presa do lobo, muitos animais acabam por ficar presos nestas armadilhas usadas para caça”, conta.

Ainda no início do ano, foram encontrados dois lobos mortos, um em Rio de Onor e

Apanhados

No topo, da esquerda para a direita, uma família de lobos, um corço e um javali em imagens captadas por câmaras de fotoarmadilha no Parque Natural de Montesinho. Em cima, o biólogo Gonçalo Costa, da consultora ambiental Bioinsight, coloca uma câmara algures no parque. Ao lado, o especialista recolhe dejectos de lobo, uma das formas de quantificar a população de lobos e conhecer melhor a sua dieta

outro em Montalegre. Em comum, as duas zonas tinham vários laços, que constituem um método de caça ilegal, precisamente por não discriminarem espécies, portes ou idades. Entre 1999 e 2021, segundo dados do ICNF, foram analisados 116 cadáveres de lobo-ibérico. O atropelamento foi o caso mais detectado (35), seguindo-se a armadilha do laço (22) e o abate a tiro (18). Só entre 2019 e 2021, de acordo com dados do Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente (Sepna), há registo de oito lobos mortos.

Além da caça ou dos atropelamentos, Francisco Fonseca aponta outros três aspectos que ajudam a compreender o acentuado decréscimo da população de lobos em Portugal: a elevada quantidade de veneno nos terrenos agrícolas, a falta de

fiscalização e o deficiente planeamento territorial.

Sobre a última, o docente universitário diz compreender que é “necessário construir auto-estradas, parques eólicos ou barragens”. O problema, defende, “é que muitas destas infra-estruturas são construídas sem que haja um grande planeamento”. Um desafio para a sobrevivência do lobo, a que se junta a “elevada quantidade de veneno” que se encontra em quase todo o país. “Há muito veneno por este país fora. É um grande problema em termos de conservação. Não apenas do lobo, mas também de aves de rapina, necrófagas, raposas e outros carnívoros”, aponta. Números elevados, mas, que de acordo com o ICNF, →

podem estar subestimados por se tratar de uma causa de morte que origina cadáveres de difícil detecção.

E se em Portugal há boas leis, a fiscalização, “muito deficitária”, poderia ajudar a mitigar os problemas. “Não há técnicos em quantidade, nem com as qualificações necessárias. Não há dinheiro suficiente para responder às necessidades. Faltam técnicos para ver qualidade da água, poluição. Faltam técnicos para confirmar se, de facto, as leis são cumpridas. E isto não é apenas uma ameaça para o lobo. É para a conservação da natureza em Portugal”, diz.

Um refúgio em Montesinho

Mas, se o lobo decresceu em grande parte do território, é por baixo dos céus povoados por águias, tordos e até cegonhas que se encontra uma das populações de lobo mais bem alicerçada em Portugal.

“Este facto deve-se ao ecossistema único que Montesinho tem: uma grande diversidade de presas selvagens, como o veado, corço e javali, todas elas com elevadas densidades no contexto nacional”, aponta Rita Tinoco Torres, doutorada em ecologia e bióloga da Universidade de Aveiro, que participou num estudo que, entre Novembro de 2017 e Agosto de 2019, recolheu 85 dejectos do animal, que foram analisados.

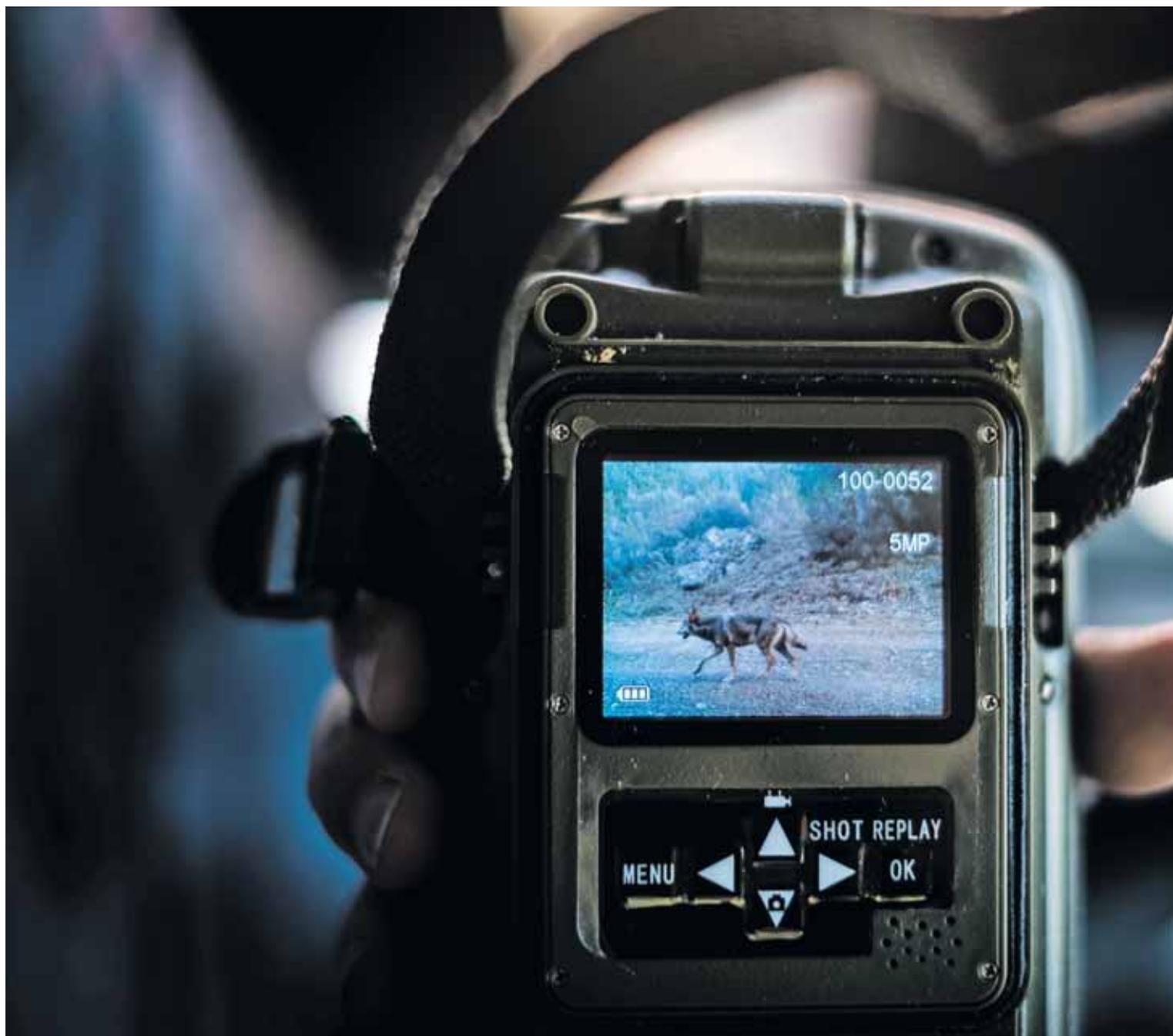
Além de demonstrar a elevada presença deste animal junto da fronteira com Espanha, o trabalho de campo ajudou a perceber a dieta do lobo e as particularidades que o Nordeste transmontano tem para o crescimento e manutenção desta espécie animal.

Nesta região, a dieta do lobo consiste principalmente em animais selvagens. O corço foi a presa selvagem mais consumida (44%), seguida do veado (26%), do javali (24%) e da fuinha (5%). No que diz respeito aos animais domésticos, há registos de gatos (6%) e de cabras (5%). “Esta região deverá ser a única em Portugal, cuja dieta do lobo não está centrada em animais domésticos”, diz a investigadora, que aponta outros exemplos: “As alcateias que ocupam a zona Oeste a sul do rio Douro alimentam-se sobretudo (superior a 90%) de animais domésticos, tendo sido igualmente a mesma tendência descrita no Noroeste de Portugal”.

E olhando para os dados da equipa coordenada por Rita Tinoco, compreendemos que, comparando com final da década de 1980, há sinais que apontam para um menor consumo de animais domésticos, como o cão ou a ovelha, e um forte crescimento de animais silvestres como o corço ou o veado. “O lobo é um generalista. Pode comer micromamíferos, até veados e aves. Come o que tem lá. Não precisa de tanta coisa específica, como o lince-ibérico, por exemplo. Se tiver vacas, come vacas, se tiver corço, come corço, se tiver lebre apanha lebre. Come o que houver”, aponta Francisco Fonseca.

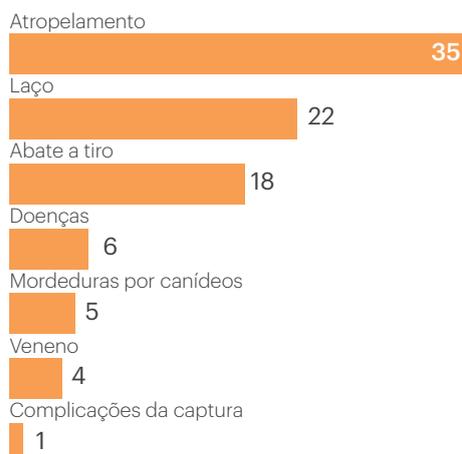
De Espanha também há bons casamentos

Além da quantidade de presas silvestres que Montesinho comporta, a região favorece ainda do facto de estar perto da fronteira com o país vizinho. “Em Espanha, as estimativas apontam para que existam em liberdade cerca de 2500 animais e a grande maioria está centrada nas zonas noroeste”, indica o biólogo da Bioinsight. “Em Espanha,



Causa de morte do lobo-ibérico em Portugal

Em %

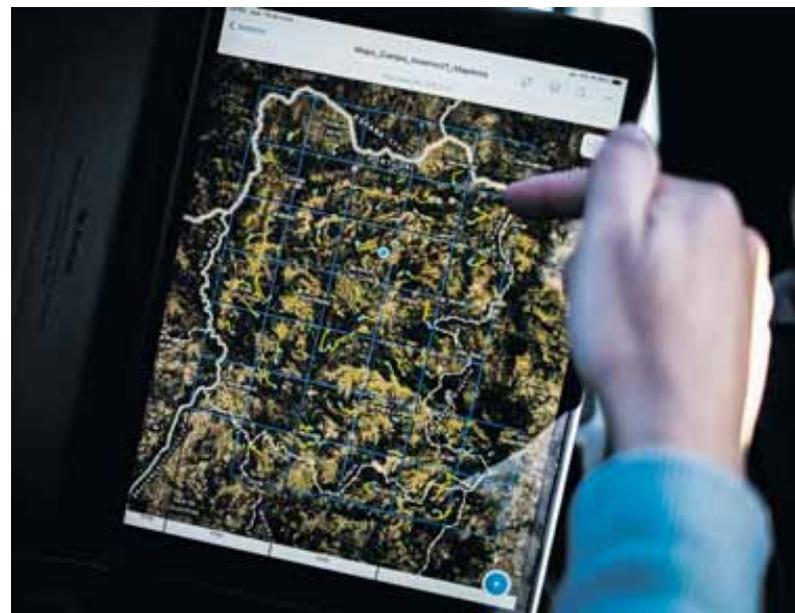


Fonte ICNF

PÚBLICO

[o lobo] cresceu neste século em área uns 30%”, diz, por seu lado, João Adrião, gestor ambiental e florestal.

“Se houver muita consanguinidade e animais muito parecidos, há uma maior susceptibilidade a doenças que podem provocar mesmo a extinção completa de algumas alcateias”, descreve Gonçalo, que aponta os bons sinais vindos de outras



Mapear

As câmaras estão programadas para disparar sempre que registam movimento. Os lobos, que raramente se deixam ver a olho nu, são um dos protagonistas destes registos. Ao lado, mapa do parque

regiões da Europa: “O lobo começou a aparecer em outros locais onde não era visto há décadas. Os lobos que recentemente começaram a ser avistados com grande frequência na Alemanha são provenientes da Polónia e há registos da chegada de animais aos Países Baixos e Dinamarca”. “Grandes porções do território têm sido votadas ao abandono nas últimas seis décadas e têm

cada vez mais fauna bravia de grande porte - primeiro os javalis, agora também veados e corços têm-se espalhado muito, tudo elementos importantes para a dieta do lobo”, acrescenta João Adrião.

Ainda assim, nem todos têm a capacidade de se fixar devido ao conflito com o Homem, que acaba por abater alguns destes animais nos locais onde a legislação não é assim tão



“O sistema de pastoreio praticado na região é crucial e eficaz, resultando na baixa predação de animais domésticos na região, e consequentemente os custos de compensação, mas também os conflitos Homem-lobo”, diz Rita Tinoco Torres.

A região onde, de acordo com o ICNF, mais lobos são encontrados mortos é a do Noroeste de Portugal. Entre as justificações, aponta a instituição, pode estar o maior conflito existente devido ao elevado nível de predação sobre animais bovinos e equinos, que por norma estão em pastoreio livre, ficando, deste modo, mais vulneráveis à predação do lobo.

Maria Ana Martins tem 63 anos e passa grande parte dos dias na companhia dos 120 animais que leva a comer nos campos em Vinhais. “Nunca vi um lobo, mas sei que eles andam por estas zonas. É, por isso, que temos aqueles dois cães grandes”, conta, apontando para dois corpulentos exemplares de cão de gado transmontano.

Uma das iniciativas levadas a cabo pelas autoridades nacionais é, precisamente, a distribuição de cães de protecção de gado de raças nacionais, como o Cão de Gado Transmontano, o Castro Laboreiro ou o Serra da Estrela.

Num outro caminho, encostada a um dos milhares de castanheiros que cobrem a região e que ajudam a suportar o calor primaveril, encontramos Natércia Garcia, de 56 anos, que nos mostra com orgulho os 93 animais que estão no pasto. Junto dela há sete cães. Dois mais pequenos, pretos com manchas brancas, irrequietos e a correr logo após o sinal da pastora, que servem para guiar o rebanho. E outros cinco maiores, da raça autóctone desta região. “Eu nunca vi o lobo e nunca sofri um ataque”, conta-nos. “Se tenho medo? Ó menino, claro que tenho. É por isso que tenho aqui os cães. Se bem que este mais pequeno – mostrando uma cria de Cão de Gado Transmontano com poucos meses – se vier um lobo, bem que o leva”, atira entre risos.

“Todos temos de comer e o lobo também precisa”

“Este ano já se registaram mais ataques a rebanhos do que no ano passado”, indica Jorge Laranjinha, director administrativo da Associação Nacional de Criadores de Ovinos

Perigo de extinção

De acordo com o Grupo Lobo, existirão em Portugal entre 200 e 400 animais em liberdade. Está em perigo de extinção

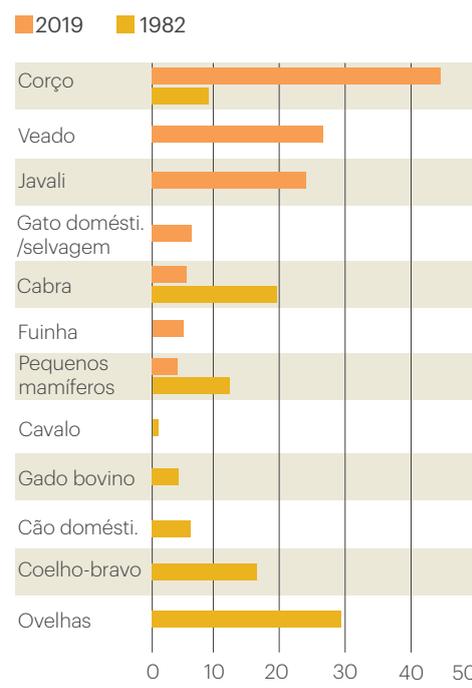
da Raça Churra Galega Bragançana (ACOB). Dá o exemplo de dois pastores que perderam cerca de 40 animais.

Sempre que um pastor sofre perdas por ataques de lobos, a associação presta apoio no registo que deve ser enviado ao ICNF. Se, de facto, se provar que o ataque se ficou a dever a um lobo, as autoridades atribuem uma compensação num valor igual ao do animal que se perdeu. Só entre 2018 e 2020, em todo o país, foram registados 1535 ataques atribuídos ao lobo-ibérico.

O Inverno é, de acordo com o dirigente associativo, a altura do ano mais crítica. “O alimento escasseia na natureza e eles têm de se aproximar e acabam por atacar os animais domésticos. Mas temos feito um trabalho de comunicação junto das pessoas

Alteração da dieta do lobo no Parque de Montesinho

Frequência da ocorrência, em %



Fonte: Plos One

PÚBLICO

eficaz. “A perseguição humana não ajuda, claro. Mas é ancestral - há um século eram comuns as batidas, envenenamentos e não era por isso que os lobos não abundavam. Contudo, entre o *crash* da pecuária, a partir dos anos 50, e a recuperação dos grandes ungulados selvagens, já no final do século XX, a maioria do espaço rústico ficou sem carne e o desaparecimento do lobo era inevitável. Agora as condições são diferentes e a tendência será, mesmo com alguma mortalidade, de provável recuperação”, aponta.

Pastores presentes e cães a proteger animais

Se a quantidade de presas silvestres e o cruzamento com alcateias vindas de outras geografias ajuda a explicar o refúgio que o lobo encontra nesta zona do país, é entre o ruído dos chocalhos, que confundem o silêncio destes montes, que reside uma das variáveis fundamentais para este equilíbrio.

São às centenas, quer junto à estrada ou perdidas no meio dos campos, os exemplares de ovelha-churra bragançana que pintam um mosaico de cores já de si rico. E nunca estão sós. Em cada aldeia, há sempre um pastor ou uma pastora, munidos de um cajado e acompanhados pelo Cão de Gado Transmontano.

e elas percebem a importância do lobo. Toda a gente tem de comer e todos temos de comer e o lobo também precisa”, graceja Jorge Laranjinha, que não tem dúvidas: “É possível a convivência do lobo com as pessoas. A natureza existe já há algum tempo e a harmonia sempre existiu. É, na maioria das vezes, o ser humano que contraria essa harmonia.”

Foi precisamente a opinião de quem convive com estes animais que motivou o estudo em que participou Luís Miguel Rosalino, biólogo da Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa. A equipa de investigadores fez mais de 300 questionários a caçadores, criadores de gado e população em geral.

“Surpreendentemente, e ao contrário do que se sabe em outras regiões do país, a opinião da população em relação ao lobo é positiva”, explica. “Muito disto, deve-se ao menor conflito, nomeadamente com os pastores. A presença de uma elevada quantidade de presas diminui estas zonas de conflito”, justifica o biólogo. “Mesmo nos casos em que a presença deste predador pode trazer prejuízos, como com os caçadores ou os pastores, não notamos uma opinião negativa”, conclui.

Apesar dos sinais animadores, João Adrião aponta “a necessidade de se estabelecer um equilíbrio entre o interesse público – ter lobos – e o interesse privado de quem tem de viver com eles e pode sofrer impactos sobre as suas actividades”.

O especialista sugere, por exemplo, o aperfeiçoamento do sistema de indemnizações por perdas, que “são muito burocráticos” e deixa de parte os ataques de cães vadios.

“Os cães estão cheios, não há a recolha destes cães e depois vemos situações de vingança com venenos ou armadilhas, que, em vez de apanhar os cães, podem apanhar os lobos ou outras espécies”, exemplifica.

Acabar com mitos

E é no trabalho de comunicação e sensibilização para a importância deste animal que o Parque Biológico de Vinhais criou um centro interpretativo do lobo-ibérico. “Todos crescemos a ouvir contos como o da Capuchinho Vermelho ou mitos sobre lobisomens. O lobo sempre esteve associado a histórias de terror”, explica ao P2 Miguel Fernandes, director do Parque Biológico.

Desde 2006, este espaço recebe animais selvagens que não podem viver na natureza e, de acordo com o responsável, espera um dia poder ter um exemplar do lobo. “É importante conservar este animal. Sem o lobo, muito possivelmente, teríamos uma superabundância do corço e do javali com tudo o que isso representa para a natureza”, admite o responsável.

Além da componente de formação, Miguel Fernandes aponta ainda ao exemplo de Espanha e do Centro do Lobo Ibérico da Sanabria, a menos de 50 quilómetros de Bragança, que, segundo informação que o próprio centro avançou ao P2, entre 2018 e 2019 recebeu quase 80 mil visitantes.

“É um animal que não se vê em qualquer parte. Pode ser um chamariz. Se já o é dizendo apenas que pode existir aqui, imaginem lá se de facto ele existisse aqui vivo para o verem”, diz.

A profundidade histórica do atraso português

Opinião Na sequência do texto de Fernando Rosas neste caderno sobre a polémica que envolveu a intervenção de Nuno Palma na convenção do Movimento Europa e Liberdade, o professor de Economia na Universidade de Manchester responde aos argumentos do historiador

Por Nuno Palma

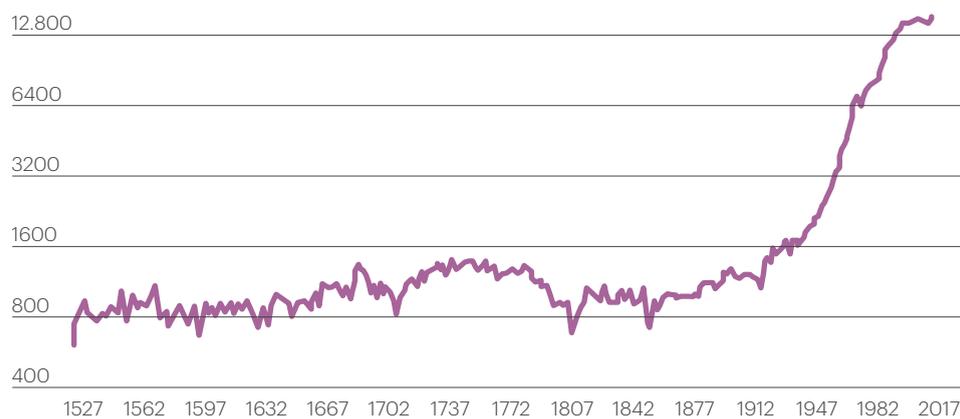
Fernando Rosas merece os parabéns por elevar o debate sobre as causas do atraso português acima do nível infantil em que vários políticos o têm tentado colocar. Rosas reconhece que “no pós-guerra (...) a economia regista um crescimento sem precedentes. Será, na história recente do país (...) o período em que se verificou uma aproximação real em relação às outras economias do Ocidente europeu”. Quanto eu disse isto no MEL, fui acusado de estar a defender “as virtudes do regime fascista em Portugal” (eurodeputado Pedro Marques), de ser “simpatizante da ditadura” (deputado e secretário-geral da Juventude Socialista) e de estar a “branquear o Estado Novo” (líder parlamentar do PS). Será que Fernando Rosas também virá a ser alvo das mesmas acusações? O texto de Rosas, ao afastar-se deste tenebroso obscurantismo anticientífico, é suficientemente rico para merecer uma resposta, ainda que não tenha conseguido deixar de lado lamentáveis insinuações e julgamentos de intenção.

O erro fundamental de Rosas e outros da sua escola, condicionados como estão pelos seus estereótipos ideológicos, é desconhecem a profundidade histórica do atraso português. O essencial é isto: as raízes do atraso de Portugal são muito anteriores ao Estado Novo, tanto a nível económico como político ou institucional.

Em termos económicos, o declínio de Portugal começa décadas antes das guerras napoleónicas (gráfico nestas páginas). Quando chegamos a meados do século XIX, Portugal já era o país mais pobre da Europa Ocidental (conforme tabela). Em 1900, era

PIB per capita português em preços constantes

Dólares “internacionais” de 1990



Nota: a escala vertical é logarítmica de base 2

PIB per capita de alguns países da Europa Ocidental em preços constantes

Dólares “internacionais” de 1990

ANO	Inglaterra	Holanda	França	Espanha	Portugal
1550	1041	1798	809	891	836
1650	887	2691	965	668	830
1750	1753	2355	1010	783	1372
1850	2718	2355	1597	1079	923

Fontes: No gráfico, Henriques et al., “A bumpy ride: economic growth in Portugal from the Reconquest to the present” (baseado em Palma e Reis 2019, *Journal of Economic History*, para o período 1527-1850, e em séries de P. Lains, J. Reis e outros para o período posterior); Na tabela, para Portugal, Palma e Reis (2019, *Journal of Economic History*), que citam as restantes fontes. Estes números são os aceites pelo Maddison Project da Universidade de Groningen

o país com maior percentagem de analfabetos (75%). Em termos institucionais, as Cortes deixaram de se reunir em Portugal a partir de finais do século XVII. Voltaram a reunir-se no século XIX, em moldes diferentes, mas o sistema político manteve-se disfuncional.

Por tudo isto, o Estado Novo herdou um país profundamente atrasado. Não é de surpreender que, em meados do século XX,

vários indicadores de bem-estar estivessem piores do que os de outros países europeus. Quando se quer analisar as políticas do Estado Novo, é necessário entender este contexto histórico. E é por isso que não faz sentido centrar o debate das causas do atraso exclusivamente nesse regime. Como já tenho salientado, assistimos hoje à mesma lógica política que funcionou durante séculos: os partidos dominantes do

presente sentem a necessidade de culpar o regime anterior para se legitimarem.

O Estado Novo tinha essa mesma narrativa para justificar o 28 de Maio. É instrutivo vermos como um livro único de História, obrigatório para todas as áreas de estudo no antigo 7.º ano do Liceu, descrevia a Primeira República. Vejamos por exemplo a 4.ª edição de A. Martins Afonso, *Curso de História da Civilização Portuguesa*: descreve o regime republicano parlamentar como uma “permanente agitação política que não lhes dá tempo nem possibilidade de resolver os grandes problemas da administração pública”. O direito à greve é considerado facilitador da desordem e balbúrdia. Já “as efémeras gerências dos sucessivos governos parlamentares não conseguiram realizar a obra de valorização económica e de pacificação social de que Portugal carecia”. Tudo óbvia propaganda em causa própria: “Em vez da prometida ‘paz laboriosa’, o país via-se, ao fim de poucos anos, a braços com uma grande pressão económica e uma permanente agitação política e social.”

Neste livro, escreve-se também que a ditadura nacional teria, depois, aberto o caminho ao que é descrito essencialmente como uma epopeia nacional não menos pacífica nem gloriosa do que os termos em que a Resolução de Conselho de Ministros que nomeou Pedro Adão e Silva descreve o 25 de Abril. Sem surpresa, os próprios republicanos tinham antes feito o mesmo: culpavam a monarquia como sendo a causa do nosso atraso. E os monárquicos liberais haviam culpado os miguelistas. É sempre a mesma estratégia de passa-culpas.

Rosas e outros como ele são incapazes de se libertar dos seus estereótipos ideológicos. A ditadura também veiculava esta visão



primária: quem não era pela situação era logo rotulado de comunista. Não podemos admitir que um regime democrático fomenta este primarismo em que quem analisar objetivamente o Estado Novo é logo rotulado de fascista. Rosas insinua que o meu objetivo, ao “defender” (segundo ele) as “maravilhas da economia estado-novista”, consistiria em “apresentar o modelo económico do Estado Novo como de exemplar atualidade”. Rosas assina como “historiador”. Também o fazem Manuel Loff, candidato várias vezes nas listas da CDU, ou Pacheco Pereira. Seria mais honesto assinarem “político”.

No que respeita às críticas de Rosas ao corporativismo e condicionamento industrial, é curioso ver alguém defensor de

um Estado fortemente intervencionista (ao contrário de mim) queixar-se dos problemas que resultam da supressão da concorrência e de setores “garantidos administrativamente pelo Estado”. Já no que respeita à existência de salários baixos, chamo a atenção para um estudo onde se mostra que numa grande empresa oligopolista, a CUF do Barreiro, o salário médio real da mão de obra cresceu 250% entre 1925 e 1974 (Lima *et al.* 2010). Infelizmente, quando faz comparações de salários internacionais, Rosas mostra desconhecer a noção de paridades de poder de compra.

Apesar de o crescimento só se ter iniciado em força a partir do pós-guerra, na verdade, já havia crescimento anterior, ao contrário do que Rosas afirma – como pode ser

O atraso português

Nuno Palma: “O erro fundamental de Rosas e outros da sua escola, condicionados como estão pelos seus estereótipos ideológicos, é desconhecerem a profundidade histórica do atraso português. O essencial é isto: as raízes do atraso de Portugal são muito anteriores ao Estado Novo, tanto a nível económico como político ou institucional”. Ao lado, primeira página do jornal satírico *A Paródia* (1900-1907), de 10 de Dezembro de 1903, fundado por Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)

29% de analfabetos em 1970, Portugal só era ultrapassado pela Turquia”. Comete a falácia de misturar gerações: em 1970 o Estado Novo já tinha resolvido o problema do analfabetismo entre as crianças, por isso resolvendo o problema a prazo. E com referência aos dias de hoje, Portugal continua a ser dos países mais atrasados da Europa a nível educativo, mesmo entre os jovens: continua a ser dos mais próximos da Turquia, mesmo para as gerações posteriores ao 25 de Abril. Também isto é culpa do Estado Novo?

Como eu sempre disse, o progresso económico que aconteceu durante o Estado Novo não justifica o regime a nível político. Mas, ao contrário do que afirma Rosas, é evidente que a política se pode separar da economia no sentido em que também foi por ter sido uma economia de mercado, progressivamente integrada no mercado europeu, que Portugal cresceu e convergiu de forma sustentada – o que não aconteceu nas economias comunistas do Leste da Europa. A economia chinesa tem crescido de forma sustentada nas últimas décadas numa lógica semelhante, e reconhecer isso não é branquear coisa nenhuma. O ridículo é querer fazer do Estado Novo bode expiatório para os sérios problemas que Portugal tem hoje, como tentam fazer políticos oportunistas.

O Estado Novo foi um regime do seu tempo, que até conseguiu fazer reformas a nível educativo, de justiça (Álvares e Garoupa 2020) e de integração europeia. Nem eu nem nenhum outro liberal tem qualquer tipo de atração por ditaduras: pelo contrário, são as economias de planeamento central que Rosas admira que são por natureza ditatoriais. Já os nossos problemas de hoje são em primeiro lugar responsabilidade das instituições e dos políticos atuais.

Termino com uma dolorosa observação: se até um regime tão iníquo e condenável como o Estado Novo conseguiu gerar convergência e aumentos de bem-estar para a população, algo de grave tem de estar a falhar com o comportamento das instituições e elites políticas que nos governam. A verdade é que o modelo económico português excessivamente assente no Estado e nas ajudas europeias gera menos crescimento e mais desigualdade do que os modelos mais liberais e mais democráticos de vários países da Europa do Leste, ainda que tenham partido de uma situação económica pior do que a nossa há apenas 20 anos. É por isso que estamos a divergir da Europa e é para aqui que temos de olhar para encontrar a verdadeira fonte dos nossos problemas.

Quanto à historiografia militante antifascista de Rosas e outros como ele: é manifestamente provinciana, sendo a sua influência nacional proporcional à sua completa irrelevância internacional. Define-se pela falta de rigor quantitativo, pela incapacidade de separar afirmações descritivas de normativas e pelas constantes manipulações demagógicas que tornam inviável qualquer tipo de análise isenta. Tudo não passa de política mascarada de história e, como tal, tem o mesmo destino da historiografia nacionalista do tempo do Estado Novo: daqui a 50 anos, será vista como um curioso produto do seu tempo – e nada mais.

Professor na Universidade de Manchester e Investigador do ICS-ULisboa

verificado no gráfico. Mas o que é mais importante é que houve aspetos em que a ditadura militar e o Estado Novo estiveram associados a progresso desde um momento anterior à guerra. Um aspeto importante foi o combate contra um problema secular da economia portuguesa: o analfabetismo. Na sequência de uma Primeira República que nesta área tudo havia prometido e pouco havia conseguido, houve um claro progresso na luta contra o analfabetismo infantil logo desde 1926, tendo sido a validade do nosso estudo já reconhecido em Portugal, por exemplo, pelo economista Luís Aguiar-Conraria.

É por isso falsa a ideia de que o país só se desenvolveu a partir do pós-guerra. Note-se, aliás, que Rosas escreve que, “com cerca de

“Sabemos mais sobre a Lua do que sobre o que está debaixo de nós”

Entrevista Robert Macfarlane

A ligação dos humanos ao subterrâneo é antiga – e perdura. “Ainda estamos nas garras do mundo subterrâneo, mesmo que o tentemos esconder”, diz o escritor. Nos seus relatos de viagem a estes submundos, descreve a relação obscura que mantemos com os lugares abaixo da superfície

Por **Claudia Carvalho Silva**



Não se trata de um “livro sobre grutas”. É do subterrâneo que falamos, sim, mas esses submundos por baixo dos nossos pés podem ser diversos, mostra o escritor Robert

Macfarlane no livro *Mundo Subterrâneo*: há cidades ocultas, catacumbas, o interior dos glaciares, o solo da floresta, depósitos de resíduos nucleares ou até um laboratório onde se procuram indícios de matéria escura, sem interferências - e também há espaço reservado para as grutas e cavernas, que podem alojar no seu interior sombrios, cadáveres e outros segredos. Considerado um dos melhores livros do século XXI pelo jornal *The Guardian*, a obra editada em Portugal pela Elsinore levou



quase uma década a escrever e funciona como uma crónica de viagens ensaística, que faz da ciência e da literatura aliadas. Nela, o autor britânico relata as suas viagens exploratórias a alguns destes mundos que repousam sob a superfície e debruça-se sobre a ligação dos humanos ao subterrâneo. E não esquece o legado enterrado que deixaremos para o futuro: “Estamos a ser maus antepassados”, diz, em conversa com o P2.

O mundo subterrâneo faz parte da história dos humanos desde sempre: já o usámos como um local seguro, para esconder tesouros, para enterrar os mortos, e até para construir cidades subterrâneas. E tem uma forte ligação com o mito, com a literatura. Acha que essa ligação se foi esvaindo ao longo do tempo?

Não creio. Até o Freud usa metáforas com o subterrâneo para o ajudar a pensar. Nós dependemos do mundo subterrâneo e explorámos e morámos lá mais do que nunca. Quando a equipa tailandesa de futebol ficou presa debaixo da montanha na altura em que estava a terminar o primeiro rascunho do livro, a escrever as últimas páginas, milhares de milhões de pessoas estavam atentas a essa história. Acho que ainda estamos nas garras do mundo subterrâneo, mesmo que o tentemos esconder de nós.

Essa história da gruta tailandesa tinha o poder de um mito, como diz no livro. De todas estas aventuras às profundezas da Terra, qual é a principal sensação que associa ao subterrâneo?

Duas coisas: uma é que é um local de visão, assim como de escuridão. Contém

Lágrimas no gelo

Robert Macfarlane visitou uma gruta na Noruega para ver pinturas rupestres do tempo da Idade do Bronze (cerca de 2000 anos). Quando se deparou com elas, chorou: “Foram feitas num lugar tão difícil, numa paisagem tão severa, perto de um redemoinho gigante e, ainda assim, houve pessoas que se aventuraram na escuridão e utilizaram os seus dedos para pintar estas figuras dançantes e isso levou-me às lágrimas”

maravilhas que só agora começamos a descobrir e entender. Seja a *wood wide web* [rede subterrânea florestal, em que as plantas e árvores estão “ligadas” por fungos e bactérias através das raízes e partilham nutrientes entre si], o bioma na crosta terrestre que contém milhões de toneladas de biomassa microbológica, quilómetros para lá da crosta, bactérias que vivem em condições impensáveis. E a segunda é esta ideia do tempo profundo. Temos de tornar-nos melhores a entender e a pensar o tempo num contexto de tempo profundo, tanto enquanto indivíduos como enquanto espécie, enquanto estruturas políticas.

Como definiria esse tempo profundo?

É a história da Terra e do seu futuro. O primeiro livro que escrevi era sobre as montanhas e sobre a razão pela qual escalamos as coisas e esse livro estava

NURPHOTO/GETTY IMAGES



IAN FORSYTH/GETTY IMAGES

repleto de tempo profundo, mas era o tempo profundo do passado. Este livro foca-se muito mais na forma como o tempo profundo se estende até ao futuro. É medido em éones. Fascina-me sobretudo quando falamos do Antropoceno, desta ideia de que nos tornámos construtores de épocas, de eras, geologicamente falando.

Acredito que durante a pandemia, muitas pessoas sentiram esta necessidade visceral de ter contacto directo com a natureza, com o verde, com o chilrear dos pássaros. Passaram a ser um conforto tremendo, pontos de ancoragem. A questão é: será que conseguimos ter uma perspectiva de tempo profundo a partir desta experiência de tempo superficial e construir um futuro melhor tanto para a natureza como para nós no planeta?

E como é a sua percepção do tempo quando está debaixo de terra? É muito diferente?

Sim. Quando se está na rocha, na pedra, sente-se a própria vulnerabilidade. Somos meros seres de carne e osso. O tempo da superfície passa de forma diferente. Quando emergimos de dois dias nas catacumbas de Paris, parece que é o tempo de um conto de fadas. Sente-se que se esteve ausente durante uns sete anos. As pessoas olham-nos de forma estranha e nós olhamos para o mundo de forma diferente.

De todos os usos que o ser humano deu ao subterrâneo, qual o que mais o fascina?

O enterro e as artes: a construção de mensagens, o envio de mensagens. A imagem de uma mão na parede com que o livro começa e acaba, pensa-se que tenham sido os Neandertais a criar essas marcas em grutas do Oeste de Espanha, há 64 mil anos. E a ideia do enterro, em que enterramos tanto aquilo que amamos como aquilo que tememos. Os humanos devem ter enterrado os restos mortais dos seus amigos e família há mais de 400 mil anos. Há algo de muito



antigo nesse gesto de deixarmos aqueles que amamos debaixo de terra para que estejam seguros.

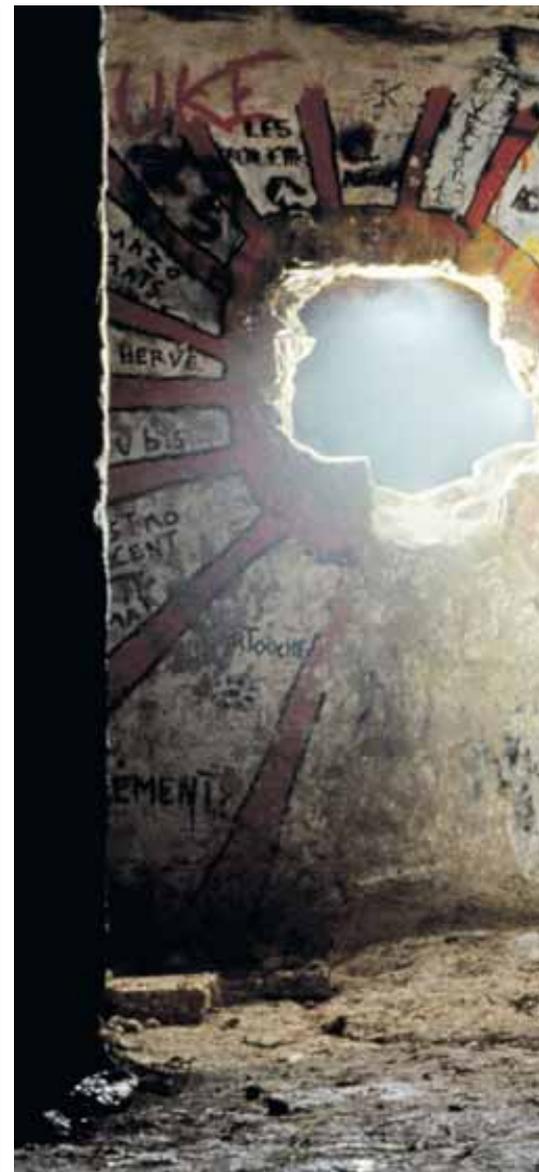
Também relata que encontrou algumas pinturas rupestres numa gruta na Noruega e que até o fez chorar quando lá chegou. Foi por ser um sentimento avassalador?

Sim. Foi uma viagem muito complicada e um sentimento muito forte. As pinturas já quase não estavam lá, de tão ténues que eram. Eram da idade do Bronze ártico, não eram tão antigas assim. Talvez uns 2000 anos. Foram feitas num lugar tão difícil, numa paisagem tão severa, perto de um redemoinho gigante e, ainda assim, houve pessoas que se aventuraram na escuridão e utilizaram os seus dedos para pintar estas figuras dançantes e isso levou-me às

lágrimas. Estive amedrontado em muitas das minhas aventuras, mas acho que esta foi a única experiência em que estive verdadeiramente em risco. Ficou um tempo de Inverno de forma muito súbita. Não havia rede de telemóvel. Foi uma situação muito má, mesmo no limite daquilo que aguentava.

E de todas estas viagens que relata no livro, qual considera ser a mais marcante?

Uma foi a do glaciador na Gronelândia, enquanto derretia no azul do tempo, e a sensação de ter esta enorme criatura de gelo que é tão poderosa - e que nós estamos a fazer com que derreta a um ritmo sem precedentes. Descer no tempo profundo do gelo. A outra é o cemitério no fim do mundo, em Olkiluoto: o depósito de resíduos



nucleares na Finlândia, em que os humanos estão a tentar ser bons antecessores. Estão a tentar fazer com que este lixo nuclear seja seguro nos próximos 10 mil ou 15 mil anos. **Este livro é não só sobre estes mundos subterrâneos, mas também funciona como uma espécie de aviso de que podemos estar a perder parte desse mundo e, mais do que isso, a causar essa perda. Acha que as alterações climáticas podem afectar esta nossa relação com o subterrâneo?**

Sem dúvida. Está a fazer com que surjam à superfície muitas coisas que estavam enterradas e esta foi uma das coisas que assumiram controlo do livro nos seis ou oito anos que levei a escrevê-lo. Apercebi-me de todas estas coisas que estavam a subir à superfície: crias de lobos de há 50 mil anos, mortos da Primeira Guerra Mundial nos glaciares dolomíticos de Itália, [esporos de] antraz de há 100 anos. E a covid-19 acaba por ser mais uma das coisas que, de alguma forma, acabámos por libertar, por trazer à superfície. Algo que surgiu por causa da desflorestação e da pressão humana nos habitats. Estamos a acelerar estes desarranjos.

Em relação aos resíduos nucleares de que falava: acredita que pode ser uma espécie de caixa de Pandora para os futuros seres da Terra?

Os humanos têm muito esta propensão para escavar onde lhes dizem para não tocar. As pirâmides são um excelente exemplo disso, assim como túmulos da Idade do Bronze que foram saqueados. Mesmo que avisemos as pessoas para não o fazerem, que lhes

OLIVIER FAY/GETTY IMAGES



Profundezas

À esquerda, central nuclear de Olkiluoto, depósito de resíduos nucleares na Finlândia através do qual “os humanos estão a tentar ser bons antecessores”; ao lado, catacumbas de Paris, de onde se sai a olhar para o mundo “de forma diferente”; em cima, ilustração sobre a *wood wide web*, “um bom exemplo de mutualismo” entre as árvores com 400 milhões de anos; em baixo, Boulby Underground Laboratory, Reino Unido, onde se procura matéria escura a grande profundidade

E os oceanos? Acabam por estar a meio caminho entre ser algo profundo e acima da superfície: é uma das partes do submundo que mais desconhecemos?

Sim. Não escrevo muito sobre as profundezas do oceano, a não ser naquele capítulo sobre a exploração de petróleo em que um dos pescadores consegue quase ver o fundo do oceano. A minha preocupação é que é uma nova fronteira de extracção. Tudo o que os humanos descobrem acabam por explorar e abusar. Portanto, temo o que possa acontecer com o mar profundo do subterrâneo.

No livro, fala nas catacumbas de Paris, no subsolo de uma floresta, de um rio subterrâneo sem estrelas e de uma gruta norueguesa com pinturas rupestres. A diversidade destes locais mostra como o subterrâneo é, também ele, vasto e abstracto?

Espero que sim. Poderia ter escrito mais 2000 páginas e ainda assim não estaria nem perto de estar concluído. Queria afastar-me logo desde início de que este seria um livro sobre grutas. Espero que seja um livro sobre grutas na medida em que o *Moby Dick* é um livro sobre baleias. Os humanos constroem debaixo de terra, assim como os rios. Há submundos naturais e há estas infra-estruturas extraordinárias enterradas, cidades enterradas. Nós, humanos, conseguimos criar mundos subterrâneos imensos. Os túneis em minas que se estendem por baixo do mar, os laboratórios subterrâneos de procura da matéria escura, os milhões de quilómetros que já escavámos para encontrar petróleo, e as estruturas para enterrar os resíduos nucleares para tentar cuidar de um futuro desconhecido.

Também tem esta ideia interessante que se trata de uma viagem à escuridão, mas que é possível ver a luz nesse negrume...

Sim. Dou exemplos disso: é como a meditação na escuridão. Este é o livro com que mais aprendi, surpreendeu-me muito. E é por isso que há aqui alguns segmentos que são contados quase de uma forma ficcional, estão ali como uma espécie de vislumbre do que foi a vida na gruta consoante se vai percorrendo as paredes com uma tocha. De repente, há outra e outra cena. Nunca poderemos conhecer o mundo subterrâneo na sua totalidade.

Sobretudo em relação ao passado: é muito comum encontrarmos elementos cujo propósito verdadeiro nunca conseguiremos deslindar...

Sem dúvida. E nós também deixaremos esses fosses futuros. Nós também deixaremos enigmas para os arqueólogos do futuro.

“

Os humanos devem ter enterrado os restos mortais dos seus amigos e família há mais de 400 mil anos. Há algo de muito antigo nesse gesto de deixarmos aqueles que amamos debaixo de terra para que estejam seguros
Robert Macfarlane

digamos que o que está lá não deve ser remexido, acaba por funcionar como uma provocação. É fascinante para mim o quão difícil é cavar um buraco no chão, um buraco seguro. Estes engenheiros estão a tentar fazer um túmulo que ultrapasse a vida das pirâmides 20 vezes e, quando se pensa nisto nestes termos, é um desafio muito difícil. Para mim, o melhor seria mesmo não ter quaisquer sinais, quaisquer indicações. Fingir que não está lá.

No livro também diz que os humanos são bons historiadores do passado, mas terríveis futurologistas. Quão importante é pensar no futuro e no mundo que deixaremos para o futuro?

Acredito mesmo nisto. E acaba por voltar àquela ideia de sermos bons antecessores, de sermos capazes de ver mais do que apenas duas gerações para a frente. É muito difícil de um ponto de vista político e também humano. É uma das questões mais importantes em que as nossas estruturas políticas se deviam concentrar: como é que podemos governar de forma a que sejamos bons antecessores? A política internacional de alterações climáticas está a tentar fazer isso, mas esmaga-se muito facilmente em relação aos outros assuntos a curto prazo. Que sinais é que os humanos deixarão nos substratos terrestres? Será um sinal de destruição?

De momento, sim, não estamos ser bons antecessores. Fiz uma analogia sombria com o facto de que o que restará de nós não será o amor, mas o plástico, ossos de suíno e chumbo-207, o isótopo estável que resulta do urânio-235. É terrível olharmos para o

que sobreviverá de nós daqui a milhões de anos: é sobretudo ausência. A perda maciça de biodiversidade, a concentração de biomassa fóssil de porcos, galinhas e ovelhas, cinzas (das centrais eléctricas a carvão), radionucleótidos. Não é um grande legado, não é uma grande assinatura que estamos a deixar.

A superfície é a nossa casa e o principal foco da nossa atenção; mas também nos viramos muitas vezes para o céu, enviamos até aparelhos e humanos para o espaço. O subterrâneo é negligenciado em toda esta equação?

Sim, porque é de mais difícil acesso, bizarramente. Sabemos mais sobre a Lua do que sobre o que está debaixo de nós, a 16 quilómetros para baixo da crosta terrestre. Até o solo continua a ser algo incrivelmente misterioso, mas crucial. Só estamos a começar a compreender um pouco da sua complexidade. A *wood wide web* é um bom exemplo de mutualismo com 400 milhões de anos, que a ciência só nestes últimos 25 anos começou a deslindar. Nas culturas indígenas, já era bastante óbvio que as árvores falavam umas com as outras.

Até o Tolkien tem isso nos livros do Senhor dos Anéis...

Exactamente! Estou muito interessado no animismo e na sua presença oculta nas tradições ocidentais. Adoro o facto de termos de ir para o subterrâneo para estudar a matéria negra. Os cientistas têm de ir para dentro da Terra para sonhar com os grandes mistérios da massa desaparecida do universo e para ouvir estas partículas fracas a interagir e que nos atravessam. É entusiasmante.

Meio século depois das descolonizações políticas, assistimos a debates em torno da descolonização cultural. Estas disputas originam processos de contestação sobre as formas de reconhecimento do valor cultural de uma miríade de bens, da sua propriedade e tutela, das aspirações envolvidas e das regras para a sua partilha e salvaguarda. É um dos debates políticos com maior potencial transformador da actualidade. Esta série de sete artigos de especialistas nacionais e internacionais revela os porquês

Património ou constrangimento? A identidade conflituosa do templo goês

Série Patrimónios contestados (VII)

O templo goês está a desaparecer a passos largos ao ser substituído por formas arquitetónicas de outras partes da Índia

Por Amita Kankear/The Al-Zulajj Collective

O gosto, ou a opção estética, na arquitetura dos templos em Goa tem vindo a mudar desde o fim da era portuguesa até hoje, o que faz com que o templo goês seja atualmente uma parte do património cultural seriamente ameaçada. Contudo, a perda potencial desta singular arquitetura dos templos não parece preocupar, de forma alguma, os seus patronos; de facto, são eles a força motriz por trás do seu declínio.

No final do século XIX, este santuário hindu dominante em Goa – que seria mais bem identificado como o santuário bramânico de Goa, devido à sua profunda ligação com a propriedade, ritual e práticas bramânicas – conseguiu reunir, num conjunto arquitetónico cosmopolita e original goês, ideias arquitetónicas do barroco europeu (via igrejas goesas), com o sultanato de Bijapur e o com mundo mogol (provavelmente, ambos através dos maratas), juntamente com tradições vernaculares.

Apesar de, *grosso modo*, seguir o traçado básico do templo brâmane do Sul da Ásia com um alpendre de entrada, salão e um santuário colocado ao longo de um eixo, a diferença está nos detalhes. Estes incluem o interior basilical com uma nave central alta, naves laterais baixas, janelas em clerestório e um cruzeiro, à semelhança de uma igreja goesa. A torre tradicional sobre o santuário, coberta por uma cúpula de base em balaustrada, tanto remete para o há muito extinto mundo de Bijapur, como para as cúpulas das igrejas goesas. O tanque com degraus é remanescente das mesquitas goesas da era de Adilshahi; a torre-lanterna de múltiplos andares, com aberturas em arco

em cada nível, é similar às torres das igrejas goesas, que também são reminiscências das torres de Bijapur; os enormes e ornamentadas jarrões *tulas* (vasos de manjerição); dos cruzeiros em frente das igrejas goesas; enquanto o grande portal de entrada é uma *naqqarkhana* (casa do tambor) típica do mundo islâmico (um portal, visto em fortes e palácios islâmicos, e também em templos goeses, em que o piso inferior é observado por uma câmara superior que continha músicos intocáveis, que podiam ser ouvidos, mas não vistos).

Há também as formas de vários elementos: cúpulas, arcos de volta perfeita, as formas dos pilares, pilastras e molduras dos mundos renascentista e barroco europeus; cúpulas, arcos apontados e formas de pilares de Bijapur; os pilares cipreste, arcos trilobados e molduras *guldasta* (bouquet) dos mogóis/maratas; juntamente com os elementos vernaculares como as paredes de barro e laterite, as coberturas inclinadas e telhadas, e muito trabalho de madeira esculpida e pintada nos pilares, tetos e frisos.

“Templo de Goa”

Apesar de a heterogeneidade criativa ser comum na arquitetura dos templos no Sul da Ásia desde o início da Idade Moderna – em particular no que diz respeito à fusão das ideias do mundo islâmico com a da arquitetura dos primeiros templos –, o templo goês continua a sobressair graças às suas ligações com o barroco europeu a partir da igreja goesa. Mesmo as características típicas dos templos assumem aqui formas novas e carismáticas, ao ponto de se tornar um tipo arquitetónico por si.

Contudo, o termo “templo goês” não significa todos os templos de Goa. A região



alberga uma variedade de formas de templos bramânicos, desde os santuários cravados na rocha, do primeiro milénio depois de Cristo, e os construídos em alvenaria, com cerca de mil anos, aos mais recentes. Porém, nem todos os templos existentes atualmente em Goa são necessariamente goeses. Isto porque o nascimento de Goa, enquanto região distinta e coesa, só acontece após a conquista portuguesa em 1510, tendo-se expandindo até alcançar a sua área atual no final do século XVIII. Foi mediante a governação portuguesa que Goa, como a conhecemos hoje, se consolidou, e foi reconhecida como um território distinto por entidades políticas como os mogóis, os maratas e, por fim, os britânicos.

Os templos construídos antes de 1510 pertenceram a várias formações regionais que incluíram partes da Goa atual; por exemplo, o templo Mahadev, em Tambdi Surla, foi construído durante a governação dos Kadambas e, através do seu patrocínio, pertence à família arquitetónica Karnata Dravida (tipo de arquitetura hindu da região de Karnataka).

Assim, quando falamos em “templo de Goa” como um tipo arquitetónico, não nos referimos a todos os templos que existem atualmente em Goa, nem das formas vernaculares que podem ser encontradas com pequenas variações ao longo da costa ocidental da Índia, mas apenas àqueles que são local, cronológica e estilisticamente goeses.

O termo foi inspirado nas ideias de Paulo Varela Gomes em *Whitewash, Red Stone. A history of church architecture in Goa* (2011) sobre a arquitetura da Igreja Católica goesa. O autor destaca que, apesar de a arquitetura desenvolvida para as igrejas em Goa ser comumente designada indo-portuguesa, ou mesmo portuguesa, esta não é nem

indiana nem portuguesa, mas original de Goa e o resultado do desenvolvimento de uma nova comunidade de católicos goeses que quiseram afirmar-se enquanto tal. Algo similar aconteceu no caso do templo goês. A história da sua ascensão e queda é, portanto, também uma história sobre os *mazans/mahajnas* – os administradores tradicionais dos templos, muitos dos quais da casta dominante Saraswat (como vieram a ser chamados no século XIX), que eram vagamente associados à fundação ou serviço, ou doações generosas, mas que se metamorfosearam em donos dos templos no século XIX.

O domínio dos *mazans* também pode ser lido na arquitetura. Há uma hierarquia na forma como o vocabulário arquitetónico – como referido anteriormente – é aplicado, uma vez que o templo é uma assembleia hierárquica de muitos santuários a diferentes divindades. Este não é, por si, um fenómeno único, tendo as igrejas de Goa vários focos, habitualmente organizados por hierarquia. Todavia, aqui as diferentes divindades estão geralmente ligadas a comunidades de casta, por sua vez organizadas numa hierarquia social, política e económica na vida real. Portanto, a arquitetura mais magnífica estava reservada às divindades dos *mazans*, habitualmente das castas dominantes. Proeminentemente, estas divindades estavam abrigadas no setor maior, mais elaborada e de arquitetura mais “goesa”. As divindades secundárias tanto podiam estar em posições menos relevantes dentro do mesmo edifício ou em estruturas menores e frequentemente mais simples (isto é, mais vernáculas) nas proximidades. As divindades mais abaixo na hierarquia – em geral pertencentes às castas consideradas inferiores – estariam em construções

CORTESIA DE MITA KAKODKAR



menores, às vezes completamente vernáculas, ou debaixo de *gomtils* (abrigos minúsculos e baixos), ou ainda ao ar livre.

Um dos exemplos é Maringon, uma importante divindade, segundo vários sacerdotes dos grandes santuários, mas que está sempre localizada num canto distante, num pequeno casebre, simplesmente num *gomtil* ou ainda sem qualquer abrigo. É possível que, por ser associada à comunidade Mahar que costumava ser (e, por vezes, ainda é) tratada como intocável, a divindade seja tratada da mesma forma.

Hierarquias

A hierarquia de castas não é apenas notada dentro de cada complexo de templo, mas também entre os complexos que são detidos apenas por Saraswats (ao contrário da maioria dos outros templos, em que aqueles são proprietários parciais, ou seja, existem outras castas entre os *mazans*), que têm tendência para apresentar a mais elaborada arquitetura goesa. Por exemplo, se olharmos para a incidência das cúpulas nos templos, encontramos a maioria naqueles que são propriedade exclusiva de Saraswats, seguidas por aquelas detidas por Bhats, Ranes e Dessais.

Contudo, em breve poderemos não encontrar nenhuma cúpula goesa nos templos de Goa. Isto porque, embora as fundações dos antigos templos se mantenham juntamente com as novas – não apenas graças à sua inclusão em circuitos turísticos patrocinados pelo governo –, e por atraírem um número cada vez maior de visitantes, a sua arquitetura está a mudar rapidamente.

O que se vê agora é variado, na sua maioria são formas de templo historicistas de outras partes da Ásia do Sul. Na minha pesquisa

Castas dominantes

Salão do templo de Ramnathi, Bandorá. O templo goês foi soberano até 1940, quando a primeira rejeição é notada nos templos de duas das castas dominantes, o Vithal em Carapur (propriedade dos Ranes) e o de Ramnathi em Bandorá (propriedade dos Saraswat)

Existem várias teorias sobre como Goa se poderia ter integrado e como se integrou na Índia. Alguns dizem que foi destacando uma cultura comum, outros que foi apenas através o turismo de massa

sobre os templos pré-1961 em Goa, num total de 248 fundações antigas, quase metade foi completamente renovada, muitas nas últimas duas décadas, enquanto outro terço foi substancialmente alterado. Por outro lado, muitos dos templos ainda relativamente inalterados têm planos de renovação. Por certo não tardará muito para que a heterogeneidade criativa da arquitetura do templo goês passe à história, mesmo que os templos de Goa se tornem réplicas banais dos de fora.

O que a fez cair em grande desgraça? Se olharmos para a cronologia das alterações torna-se fácil de entender. O templo goês parece ter surgido no século XIX – uma época em que os templos ficaram sob o controlo das castas dominantes, especialmente os Saraswats, que estavam a gozar um aumento de sucesso social e político, tanto em Goa como na Índia britânica. O fim daquele século assistiu à ascensão do indo-sarraceno na Índia britânica, o que poderá explicar o islamizado adotado pelos templos goeses. Contudo, as fortes referências à Igreja goesa – e à Europa através dela – dão ênfase, senão orgulho, ao “ser goês”.

O templo goês foi soberano até 1940, quando a primeira rejeição é notada nos templos de duas das castas dominantes, o Vithal em Carapur (propriedade dos Ranes) e o de Ramnathi em Bandorá (propriedade dos Saraswat). Poderá isto estar relacionado com o facto de as ideias do nacionalismo indiano terem entrado em Goa não muito antes? Esta rejeição disseminou-se depois de 1961, quando Goa foi anexada pela Índia, e acelerou-se na década de 1990 com a ascensão ao poder do Hindutva (forma de nacionalismo hindu) do BJP (Bharatiya Janata Party, partido nacionalista indiano, no poder desde 2014). E, enquanto a década

de 1940 viu o templo goês ser substituído pelo indo-sarraceno (ou neomogol) – estilo popular no subcontinente –, depois de 1961 o islâmico desaparece; doravante a inspiração passa a ser os templos hindus.

Na década de 1990, com a ascensão da política hindu, a reconstrução maciça dirigiu-se aos grandes templos, da forma mais aparatosa e grandiosa quanto possível. Todavia, este período foi também o início do turismo de massa indiano em Goa, atualmente na berra como o paraíso europeu na Índia. A propaganda inclui a arquitetura “indo-portuguesa”, o que resultou no retorno dos elementos do templo goês, especialmente cúpulas e coberturas telhadas, ainda que estes sejam comumente inspirados pelos monumentos budistas e pala arquitetura do Malabar, respetivamente. A nova arquitetura do templo é agora, portanto, uma espetacular mistura híbrida de antigas formas dos templos indianos, habitualmente combinados com cúpulas – mas nenhuma pertencente ao vasto repertório goês.

Goa na Índia

Podemos relacionar o desaparecimento do templo goês com o desenvolvimento da relação de Goa com a Índia e também com a natureza do nacionalismo indiano; ambos resultaram na mudança de identidade do goês hindu. Como outros destacaram, o nacionalismo indiano é um nacionalismo cultural, que defende o hinduísmo ou o bramanismo, e particularmente a cultura das castas hindus dominantes. Assim, o verdadeiro nacionalista é aquele que defende o hinduísmo, enquanto os templos hindus não são mais do que símbolos nacionalistas. Contudo, para isso, precisam de “parecer hindus”. O templo goês tem sido criticado por se “parecer muçulmano/católico” e, por isso, estar longe de ser o ideal. Este é um sério problema, uma vez que estamos a discutir um contexto no qual os próprios goeses hindus – e claramente, ainda mais os não-hindus – são vistos como muito distantes do ideal.

Existem várias teorias sobre como Goa se poderia ter integrado e como se integrou na Índia. Alguns dizem que foi destacando uma cultura comum, outros que foi apenas através o turismo de massa. Pode-se argumentar, no entanto, que foi também através da reinvenção dos goeses hindus, numa imagem e identidade aceitáveis num contexto indiano pós-1961, uma reinvenção que envolve também os seus templos.

É notável que as mudanças arquitetónicas contemporâneas sejam descritas por alguns Mazans como modernização e uma remoção da “antiquada” arquitetura antiga. Este pensamento pareceria ser um contraste direto com a sua atitude perante os seus antigos privilégios de casta, os quais são mantidos na maioria das construções, tanto na hierarquia da arquitetura, como na intocabilidade. Porém, na realidade, como vimos, a nova arquitetura é enfaticamente arcaica na maioria das suas referências. Não há, portanto, nenhuma contradição entre as aspirações arquiteturais e sociais, uma vez que o “novo” não é mais do que o regresso ao mítico, mas glorioso, passado hindu, onde a casta não era vista como um problema.

Historiadora da arquitetura e professora no Colégio de Arquitetura de Goa

Semana de lazer

Por **Sílvia Pereira**

lazer@publico.pt

Arte urbana

Intervenções “muralizadas”

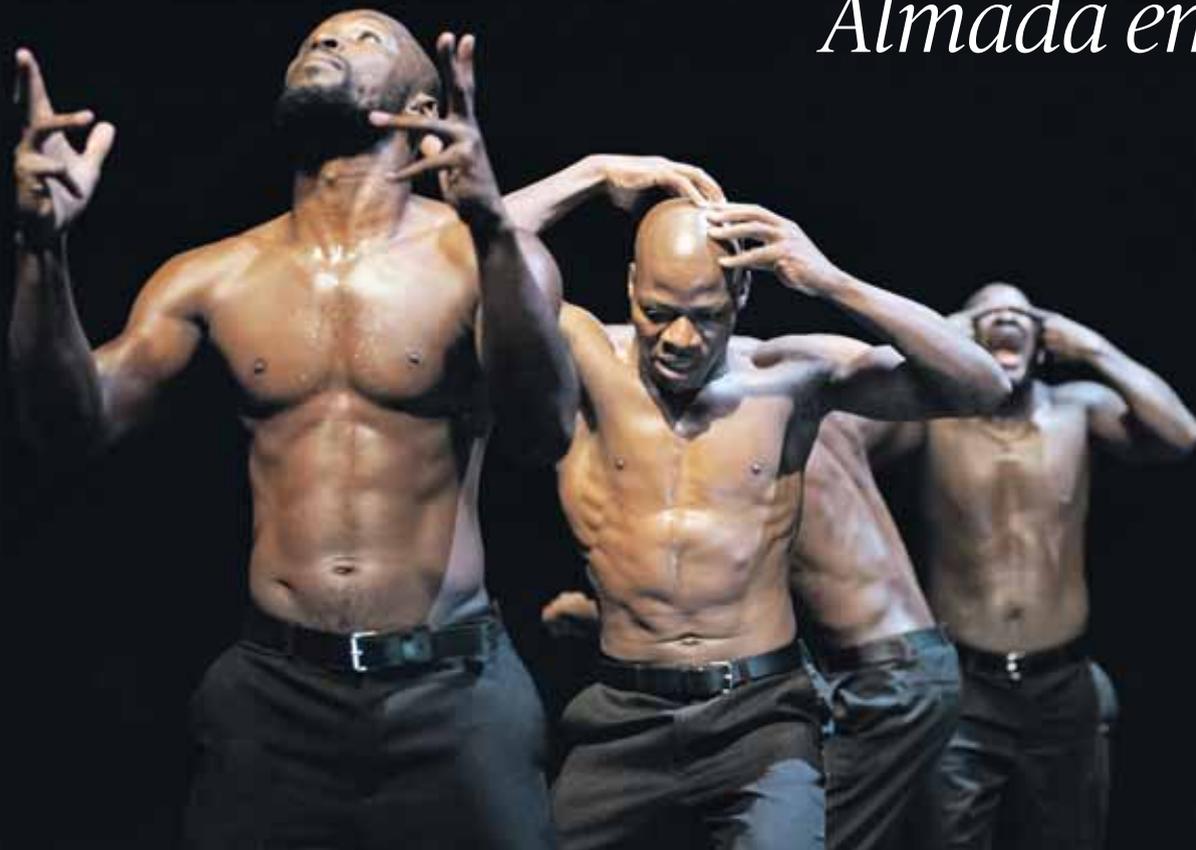
Mais de 60 artistas de vários países, 25 intervenções, três exposições, duas instalações, um *workshop* e *O Muro Que Nos (Re)Úne* como tema. É a quarta edição do Muro — Festival de Arte Urbana a erguer-se em empenas, paredes, pilares, galerias e outras “telas”. Alicerçado na multiculturalidade, sustentabilidade e cultura urbana, é desenhado por gente como Odeith, Crack Kids, Bordalo II, Fat Heat, Pauser, Zurik, The Plastic Hike ou Rita Cabaço. Este ano, concentra-se na freguesia do Parque das Nações, que sucede ao bairro Padre Cruz, Marvila e Lumiar como zona escolhida (Lisboa).



LISBOA Parque das Nações
De 3 a 11 de Julho
(mais informações:
gau.cm-lisboa.pt/muro.html).
Grátis

Teatro

Almada em festa e reencontro



Oito salas de Almada e Lisboa preparam-se para receber 21 espectáculos (11 portugueses e dez estrangeiros), com direito a estreias mas sem qualquer projecção *online* — é que o público do Festival de Almada já no ano passado manifestou e confirmou a vontade de estar presente. E, este ano, acresce ao reencontro o tom de festa pelo 50.º aniversário da Companhia de Teatro de Almada. *Um Gajo Nunca Mais É a Mesma Coisa*, do director artístico Rodrigo Francisco, o *Hipólito* de Eurípides segundo Rogério de Carvalho, Ivo van Hove a encenar *Quem Matou o Meu Pai?*, Monica Bellucci na pele de Maria Callas e Josef Nadj a coreografar oito bailarinos africanos em *Omma* (na imagem) são alguns dos momentos a não perder nesta 38.ª edição.

ALMADA Teatro Municipal Joaquim Benite, Fórum Romeu Correia, Teatro-Estúdio António Assunção, Incrível Almadense e Cine-Teatro da Academia Almadense
LISBOA Teatro Nacional D. Maria II e Centro Cultural de Belém
De 2 a 25 de Julho (programa detalhado: festival.ctalmada.pt).
Bilhetes de 9€ a 50€



Festival Jardins reabertos a múltiplas vozes

As *Palavras* e as *Linguagens* dão o mote à nona edição de um festival viseense que não abdica da “experimentação como expressão da liberdade criativa e crítica”, em vertentes que vão das artes visuais ao teatro e à dança, passando por som, cinema, arquitectura, oficinas, mercados e reflexões sobre a *pólis*. Adaptados ao cenário pandémico e tendo como epicentro o Parque Aquilino Ribeiro, os Jardins Efémeros regressam — depois de uma ausência de dois anos — com um

programa vasto em que as participações de Rui Reininho (na imagem), Lyra Pramuk, Heather Leigh, Suso Saiz, Bendik Giske, João Louro, Dasha Rush, Marco Franco, Joana Pestana, Os Espacialistas e Vhils são apenas alguns dos destaques.

WISEU Parque Aquilino Ribeiro e outros locais
De 3 a 11 de Julho (programa detalhado: jardinfemeros.pt).
Grátis

Ciclo Destemporada de Verão

Depois de “meses de cacimba, fechamento e pantufas” que obrigaram a engavetar uma série de espectáculos e projectos, o Centro Cultural de Belém resgata-os para uma temporada de Verão a ritmo “intenso e diversificado” — uma Destemporada, aliás. A



dança faz honras de abertura, com a dupla Hugo Calhim Cristóvão & Joana von Mayer Trindade a apresentar *Fecundação* e *Alívio* neste *Chão Irredutível Onde com Gozo Me Insurjo*. Jonas & Lander, Moritz Ostruschnjak, Selma Uamusse (na imagem), Marco Martins, Artistas Unidos, Monica Bellucci, Brad Mehdau, Nuno Cardoso e The Legendary Tigerman são outros

criadores que por ali vão passar até meados de Setembro. Entre espectáculos, sessões de cinema, exposições, conversas, visitas, oficinas e actividades para crianças, há também lugar para momentos de pilates, ioga e *tai chi chuan*, para *show cookings* no Jardim das Oliveiras e para a adição de um anfiteatro estival feito em cortiça e concebido pelo arquiteto Ricardo Bak Gordon.
LISBOA Centro Cultural de Belém
De 2 de Julho a 12 de Setembro (programa detalhado: destemporada.ccb.pt).
Vários preços

Cinema D'O Último Banho às Separações

É com a antestreia nacional d'O *Último Banho*, de David Bonneville, que Santa Maria da Feira torna a mergulhar no seu Festival de Cinema Lusó-Brasileiro, depois da pausa



provocada pela pandemia em 2020. *Separações*, de Domingos Oliveira, está reservado para a sessão de encerramento. Entre eles, são exibidos cerca de 60 filmes nas várias secções da 23.ª edição do certame organizado pelo Cineclube da Feira, cuja programação “denota a constante aposta no cinema emergente (...), em contraponto com autores consagrados, procurando expor o campo aberto de linguagens que fazem mover o cinema actual”.
SANTA MARIA DA FEIRA
De 27 de Junho a 4 de Julho (programa detalhado: www.cm-feira.pt). Bilhetes a 4€; passes de 10€ a 20€



Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

CINEMA

Porto

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot

R. dos Campeões Europeus, 28-198. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 21h30; **Uma Pequena Mentira** M12. 13h10, 15h35, 18h30; **Cruella** M12. 15h, 18h20, 22h; **O Homem Que vendeu a Sua Pele** M12. 20h20, 22h50; **The Conjuring 3** M16. 21h10; **O Espião Inglês** M12. 14h50, 17h40; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h50, 13h40, 15h50, 18h10 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 13h20, 14h10, 17h, 18h, 20h45, 21h40; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 15h30, 18h40, 22h15

Medeia Teatro Municipal Campo Alegre

R. das Estrelas. T. 226063000

Ladrões de Bicicletas M6. 18h30;

O Milagre de Milão M6. 15h30, 21h30

Trindade

R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425

O Movimento das Coisas M12. 16h15, 20h20; **O Pecado** M12. 14h10, 18h30; **O Homem Que vendeu a Sua Pele** M12. 18h20, 22h; **Colectiv - Um Caso de Corrupção** M14. 21h30; **A Candidata Perfeita** 14h20, 16h30

Braga

Cinemas Nos Braga Parque

R. dos Congregados, S. Victor. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 10h40, 13h10, 15h30, 18h, 20h30; **Cruella** M12. 10h30, 13h30, 16h40, 19h40; **Um Homem Furioso** M16. 19h50; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 11h, 14h, 17h, 20h; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h45, 13h05, 15h20, 17h30 (V.Port./2D); **Caminho Sem Retorno** M16. 10h50, 13h50, 16h50, 20h20; **Velocidade Furiosa 9** 11h45, 13h20, 15h, 15h45, 16h30, 18h45, 19h15, 18h45; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 11h30, 14h30, 17h20, 20h10

Cineplace - Braga

C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas nº 100.

Um Lugar Silencioso 2 M14. 20h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 13h30 (V.Port./2D); **Uma Pequena Mentira** M12. 18h30, 20h40; **Missão Inesperada** M14. 15h55; **Cruella** M12. 17h, 19h50; **Tom e Jerry** M6. 13h45 (V.Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 14h40 (V.Port./2D); **Spirit Invencível** M6. 13h10 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 15h20, 17h50, 20h20; **O Amor Move Montanhas** M12. 15h40, 20h45; **Colectiv - Um Caso de Corrupção** M14. 15h50, 18h20; **A Candidata Perfeita** M12. 17h40; **Supernova** 20h50; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 14h, 16h10, 18h20 (V.Port./2D); **Demon Slayer** M14. 18h; **Caminho Sem Retorno** M16. 15h, 20h10; **Velocidade Furiosa 9** 13h20, 13h40, 15h30, 16h, 16h30, 16h50, 18h40, 19h10, 16h40, 20h; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 15h10, 18h, 20h25

Coimbra

Cinemas Nos Alma Shopping Coimbra

R. General Humberto Delgado, 207. T. 16996
Um Lugar Silencioso 2 M14. 18h30, 22h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 13h10, 15h30 (V.Port./2D); **O Pai** M12. 18h, 21h30; **Cruella** M12. 17h30, 21h10; **O Homem Que vendeu a Sua Pele** M12. 18h50, 21h40; **Ao Ritmo de Washington Heights** M12. 14h40; **O Amor Move Montanhas** M12. 16h40, 19h20, 22h; **O Espião Inglês** M12. 21h; **A Candidata Perfeita** M12. 14h30; **Supernova** 19h40, 22h20; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 13h50, 16h10, 18h40 (V.Port./2D); **Demon Slayer - Kimetsu No Yaiba - O Filme: Comboio Infinito** M14. 14h, 16h50; **Velocidade Furiosa 9** 13h40, 14h20, 17h10, 17h50, 20h40, 21h20; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 13h30, 16h20, 19h, 21h50



O Amor Move Montanhas

Cinemas Nos Fórum Coimbra

Fórum Coimbra. T. 16996

Cruella M12. 15h; **Um Homem Furioso** M16. 21h50; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h30, 16h10, 19h10, 22h; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 14h10, 16h30, 19h; **Caminho Sem Retorno** M16. 18h30, 21h20; **Velocidade Furiosa 9** 14h, 14h40, 17h30, 18h10, 21h, 21h40; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 13h50, 16h40, 19h20, 22h10

Covilhã

Cineplace - Serra Shopping

Avenida Europa, Lt 7 - Loja A102.

Spirit Invencível M6. 14h20 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 16h20; **A Candidata Perfeita** M12. 14h; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 13h20, 18h40 (V.Port./2D); **Demon Slayer** M14. 16h30; **Caminho Sem Retorno** M16. 19h10, 21h40; **Velocidade Furiosa 9** 15h, 15h30, 18h10, 20h50, 21h20; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 19h, 21h30

Figueira da Foz

Cinemas Nos Foz Plaza

C. C. Foz Plaza, R. Condados. T. 16996

Peter Rabbit: Coelho à Solta M6. 10h50, 14h30 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 10h40, 14h, 17h30, 21h; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 19h, 22h; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 11h, 13h50, 16h20 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 11h20, 14h45, 17h10, 18h, 20h30, 21h30; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 11h30, 15h, 18h30, 21h45

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente

Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 15h, 18h20, 21h30; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 11h, 14h20, 16h40 (V.Port./2D); **Missão Inesperada** M14. 21h10; **Cruella** M12. 13h10, 15h50, 18h50, 21h50; **Tom e Jerry** M6. 11h30, 14h30 (V.Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 10h40, 13h20, 16h (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 20h30; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **O Amor Move Montanhas** M12. 13h50, 16h50, 19h20, 22h10; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h50, 13h25, 15h40, 18h10 (V.Port./2D); **Demon Slayer** M14. 18h30, 21h; **Caminho Sem Retorno** M16. 17h, 19h30, 22h30; **Velocidade Furiosa 9** 13h05, 14h, 15h30, 16h30, 17h25, 18h55, 20h50, 21h20, 22h20; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 13h30, 16h10, 19h10, 22h

Guarda

Cineplace - Guarda

C.C. Vivaci, Av. dos Bombeiros Voluntários Egitanenses, nº5. T. 271212140

Cruella M12. 18h40; **Spirit Invencível** M6. 13h40, 19h (V.Port./2D); **Supernova** 21h40; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 14h20, 16h30 (V.Port./2D); **Demon Slayer** M14. 13h50; **Velocidade Furiosa 9** 15h, 15h50, 18h10, 21h, 21h30; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 16h20, 18h50, 21h20

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães

25 de Abril, Silvares. T. 253539390

Um Lugar Silencioso 2 M14. 21h40; **Cruella** M12. 11h20 (V.Port./2D), 15h15, 21h05; **Tom e Jerry** M6. 10h50 (V.Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 11h, 16h35 (V.Port./2D); **Spirit Invencível** M6. 11h10 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 14h, 19h05; **Colectiv - Um Caso de Corrupção** M14. 13h30; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h35, 13h10, 18h10 (V.Port./2D); **Demon Slayer** M14. 16h; **Velocidade Furiosa 9** 14h, 15h, 17h10, 18h10, 20h20, 21h20; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 18h40

Castello Lopes - Guimarães Shopping

Lugar das Lameiras. T. 253520170

Peter Rabbit M6. 11h20 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 15h40, 21h05; **Tom e Jerry** M6. 11h10 (V.Port./2D); **Raya e o Último Dragão** M6. 13h45, 18h35 (V.Port./2D); **The Conjuring 3** M16. 13h40, 16h15, 18h50, 21h25; **Os Flofos** M6. 11h10, 13h35 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 11h30, 13h40, 14h40, 16h50, 17h50, 20h, 21h; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 16h15, 18h50, 21h25

Maia

Cinemas Nos MaiaShopping

MaiaShopping, Lugar de Ardegaes. T. 16996

Peter Rabbit: Coelho à Solta M6. 10h50, 13h10, 15h40 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 18h20, 21h20; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 18h10, 21h10; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 11h, 13h30, 16h10 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 14h, 15h30, 17h30, 18h30, 21h30, 22h10; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 13h20, 16h, 18h50, 21h40 **Orient Cineplace - Mira Maia Shopping** *Mira Maia Shopping, Estrada Real nº 95 - Lugar das Guardieiras. T. 229419241* **Spirit Invencível** M6. 14h20 (V.Port./2D); **Supernova** 16h40; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 14h30, 16h50, 19h (V.Port./2D); **Demon Slayer** M14. 18h30; **Caminho Sem Retorno** M16. 18h50, 21h20; **Velocidade Furiosa 9** 15h, 15h30, 18h10, 21h, 21h30; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 21h10

Matosinhos

Cinemas Nos Marshopping

IKEA Matosinhos, Av. Óscar Lopes. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 18h, 20h30;

Peter Rabbit: Coelho à Solta M6. 10h30, 13h, 15h30 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 12h30, 15h50, 19h10, 22h20; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 12h40, 15h40, 18h30, 21h20; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h50, 13h40, 16h20, 18h40 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 13h20, 14h10, 17h10, 17h50, 20h40, 21h40; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 13h10, 16h, 19h, 22h

Cinemas Nos NorteShopping

NorteShopping, R. Sara Afonso. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 13h40, 16h10, 18h50; **Cruella** M12. 12h30, 15h20, 19h, 22h10; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h20, 16h, 18h30, 22h20; **O Amor Move Montanhas** M12. 13h10, 15h40, 18h10, 21h10; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h45, 13h30, 15h50, 18h20 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 13h, 14h40, 16h35, 18h20, 21h, 21h30, 22h; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 12h50, 15h30, 18h40; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. Sala NOSXVision - 21h40

Ovar

Cinema Vida

Centro Comercial Dolce Vita. T. 960254838

A Floresta 16h, 18h15, 20h30

Paços de Ferreira

Cinemas Nos Ferrara Plaza

Ferrara Plaza. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 19h30, 21h50; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 10h40, 13h50, 16h10 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 13h30, 16h30; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 17h50, 21h10; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h50, 13h10, 15h30 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 14h50, 18h15, 18h50, 21h40, 21h50; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 13h20, 15h50, 18h40, 21h20

Penafiel

Cinemax - Penafiel

Ed. Parque do Sameiro. T. 255214900

Peter Rabbit: Coelho à Solta M6. 11h, 13h (V.Port./2D); **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 11h, 13h, 15h, 17h20, 19h30 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 11h, 14h40, 16h50, 17h30, 19h10, 21h10, 21h40; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 15h, 21h50

São João da Madeira

Cineplace - São João da Madeira

São João da Madeira.

Cruella M12. 15h40; **Spirit Invencível** M6. 13h40, 19h (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 19h10, 21h40; **Supernova** 13h30; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 14h30, 16h50 (V.Port./2D); **Demon Slayer** M14. 16h20; **Caminho Sem Retorno** M16. 18h40, 21h10; **Velocidade Furiosa 9** 15h, 15h50, 18h10, 21h, 21h30; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 14h, 18h50, 21h20

Viana do Castelo

Cineplace - Viana do Castelo

Avª General Humberto Delgado, Orient Cineplace. T. 258100260
Cruella M12. 13h40 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 19h; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 13h20, 18h40 (V.Port./2D); **Velocidade Furiosa 9** 15h, 15h30, 18h10, 20h50, 21h20; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 16h30, 21h30

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping

Av. Descobrimentos, 549. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 22h20;

Cruella M12. 10h25, 13h20, 16h30, 19h30, 22h30; **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 10h35, 13h40, 16h20, 19h, 21h50; **O Amor Move Montanhas** M12. 11h, 14h40, 17h10, 20h; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h40, 13h10, 15h20, 17h30, 19h50 (V.Port./2D); **Demon Slayer - Kimetsu No Yaiba - O Filme: Comboio Infinito** M14. 10h45, 22h40; **Caminho Sem Retorno** M16. 10h50, 14h30, 17h20, 20h10, 22h50; **Velocidade Furiosa 9** 10h10, 10h30, 13h50, 14h20, 14h50, 17h40, 18h10, 18h30, 21h10, 21h40, 22h10; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 10h20, 14h, 16h40, 19h20, 22h

UCI Arrábida

Arrábida Shopping.

Um Lugar Silencioso 2 M14. 14h20, 16h55, 21h45; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 10h45, 15h55 (V.Port./2D); **O Pecado** M12. 13h10; **Uma Pequena Mentira** M12. 13h40, 16h15, 18h50, 21h25; **Nomadland - Sobreviver na América** 15h55, 20h55; **O Amigo de Sempre** M12. 13h30; **O Pai** M12. 16h, 18h25, 21h; **Missão Inesperada** M14. 15h50, 21h05; **Cruella** M12. 15h10, 18h15, 21h20; **Tom e Jerry** M6. 10h30, 13h30, 16h15, 19h10 (V.Port./2D); **O Homem Que vendeu a Sua Pele** M12. 16h25, 21h55; **Um Homem Furioso** M16. 13h25, 18h55, 21h40; **Spirit Invencível** M6. 11h15, 13h45, 16h10 (V.Port./2D); **The Conjuring 3 - A Obra do Diabo** M16. 13h30, 16h20, 19h, 22h; **Ao Ritmo de Washington Heights** M12. 21h35; **Chaos Walking - O Ruído** M12. 22h10; **O Espião Inglês** M12. 13h15, 18h35, 21h15; **Colectiv - Um Caso de Corrupção** M14. 13h15, 18h20; **A Candidata Perfeita** M12. 18h25; **Supernova** 13h20, 19h30; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 10h50, 14h15, 16h30, 19h15 (V.Port./2D); **Demon Slayer - Kimetsu No Yaiba - O Filme: Comboio Infinito** M14. 16h05, 19h25; **Velocidade Furiosa 9** 11h, 13h35, 14h15, 14h30, 16h, 16h40, 18h05, 18h30, 18h55, 20h, 21h10, 21h30, 21h50, 22h05; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 14h05, 16h35, 19h05, 21h55

Vila Real

Cinemas Nos Nosso Shopping

C. C. Dolce Vita Douro, Lj. 244

Alameda Grasse. T. 16996

Peter Rabbit: Coelho à Solta M6. 13h, 15h30 (V.Port./2D); **Cruella** M12. 18h, 21h10; **Tom e Jerry** M6. 14h (V.Port./2D); **Um Homem Furioso** M16. 19h10, 22h; **The Conjuring** M16. 13h10, 15h50, 18h40, 21h20; **Os Flofos: Viagem no Tempo** M6. 14h15, 16h40 (V.Port./2D); **Caminho Sem Retorno** M16. 16h30, 19h20, 22h10; **Velocidade Furiosa 9** 13h40, 14h30, 17h10, 18h20, 20h50, 21h40; **O Guarda-Costas e a Mulher do Assassino** M16. 13h20, 16h10, 19h, 21h50

Viseu

Cinemas Nos Fórum Viseu

Fórum Viseu. T. 16996

Um Lugar Silencioso 2 M14. 13h30, 16h10; **Peter Rabbit: Coelho à Solta** M6. 13h10, 15h30 (V.Port./2D); **O Pai** M12. 19h, 21h50; **Cruella** M12. 14h15, 17h30, 21h20; **O Homem Que vendeu a Sua Pele** M12. 18h20, 21h40; **Um Homem Furioso** M16. 18h50, 22h; **Supernova**

Dia de ficar

CINEMA

Fala com Ela

TVCine Edition, 15h

As vidas de um enfermeiro (Javier Cámara) e de um jornalista (Dario Grandinetti) cruzam-se numa clínica onde cada um deles cuida de uma mulher em coma. Aí nasce uma amizade intensa, pautada por histórias sobre a incomunicação, a solidão, o amor e a vida. “Oscarizado” pelo argumento original (entre outros prémios), o filme é escrito e dirigido por Pedro Almodóvar, realizador que está em foco no canal ao longo do dia. Antes de *Fala com Ela* passa *Kika* (às 13h10); depois, *Má Educação* (16h55), *Os Amantes Passageiros* (18h45), *Julietta* (20h20) e *A Pele Onde Eu Vivo* (22h).

The Fighter - Último Round Hollywood, 22h

Baseado em factos verídicos, este drama biográfico de David O. Russell segue dois irmãos de Lowell, Massachusetts: Dicky Eklund (Christian Bale), um potencial grande pugilista que chegou a aguentar um combate com o lendário Sugar Ray Leonard, mas desperdiçou o talento, e Micky Ward (Mark Wahlberg), que cresceu na sombra do mano e que tem um dia a oportunidade de fazer um grande combate. Premiado com dois Óscares e outros tantos Globos de Ouro.

Mapas para as Estrelas AXN Movies, 23h08

Realizado por David Cronenberg, segundo um argumento de Bruce Wagner, é um filme sobre a decadência e depravação de uma família de Hollywood, com Julianne Moore, Mia Wasikowska, Robert Pattinson, John Cusack, Evan Bird, Olivia Williams e Sarah Gadon no elenco. O patriarca é um psicólogo que fez fortuna com livros de auto-ajuda; a mãe, obsessiva, gere a carreira do filho, uma estrela adolescente de cinema recém-chegado da reabilitação; a filha esteve num hospital psiquiátrico a ser tratada por piromania.

Com a Casa às Costas SIC, 1h15

Comédia de Barry Sonnenfeld, com argumento de Geoff Rodkey e Robin Williams no papel principal. Bob, a mulher, Jamie, e os filhos estão a precisar de passar férias juntos. Por isso, decidem ir até ao Havai. Mas Bob muda de planos e, sem os avisar, troca a viagem a um paraíso tropical por uma atribulada aventura, numa carrinha, no Colorado.

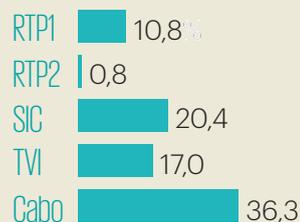
Televisão

Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 25

	%	Aud.	Share
Amor, Amor	SIC	12,8	13,4
Festa é Festa	TVI	10,9	11,7
Jornal da Noite	TVI	10,8	11,4
Bem Me Quer	SIC	10,2	11,2
A Serra	SIC	9,8	10,5

FONTE: CAEM



RTP1

6.30 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.31** Elvas, Património da Humanidade **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Elvas, Património da Humanidade

19.59 Telejornal

21.23 Mesa Portuguesa... Com Estrelas com Certeza!

21.53 Got Talent Portugal

2.09 Euro 2020 - Os Dias do Euro

2.23 Noites do Euro

SIC

6.00 Camilo, o Presidente **6.30** Marvels Spider Man **7.30** Uma Aventura **9.00** Olhá SIC! **12.00** Vida Selvagem

13.00 Primeiro Jornal

14.15 Fama Show

14.45 Domingão

19.57 Jornal da Noite

21.30 Quem Quer Namorar com o Agricultor? - Semanal

21.30 Quem Quer Namorar com o Agricultor? - Diário

1.15 Com a Casa às Costas

RTP2

7.00 Euronews **7.57** Espaço Zig Zag **14.38** Folha de Sala **14.45** Ciclismo: Volta à França 2021 **17.03** Nome de Rua **17.09** Caminhos **17.35** 70x7 **18.01** Nicolas Le Floch **18.52** As Caraibas Escondidas com Joanna Lumley: de Havana ao Haiti **19.41** Pietro Mennea, a Flecha do Sul **21.25** Folha de Sala

21.30 Jornal 2

21.45 Página 2

21.59 Paris Polícia 1900

23.00 Pianomania! - Daniil Trifonov

0.51 Cinemax **1.58** Euronews

TVI

6.00 Curious George **6.23** Todos Iguais **6.56** O Bando dos Quatro **7.45** Diário da Manhã **10.00** Querido, Mudei a Casa! **11.00** Missa **12.30** Joga Portugal **13.00** Jornal da Uma **14.00** Joga Portugal **18.00** A Hora da Seleção

19.00 Jornal das 8

19.15 A Hora da Seleção

20.00 Futebol: Euro 2020 - Bélgica x Portugal

22.00 All Together Now

0.15 Mulheres **1.00** Diário do Euro **1.30** Jovem Adulta **3.15** Fascínios

TVCINETOP

17.40 Arkansas - Rei do Crime **19.35** The Operative - Agente Infiltrada **21.30** Trading Paint - O Legado **23.00** Calafrio **0.35** Luz da Minha Vida

FOX MOVIES

17.55 Black Belt Jones **19.28** Cool Breeze **21.15** Shaft - Mafía em Nova Iorque **22.57** Superfly **0.29** O Vingador da Noite **1.55** O Justiceiro de Nova Iorque

HOLLYWOOD

18.40 Imparável **20.20** Pistol Whipped - Jogo Mortal **22.00** The Fighter - Último Round **23.55** As Cinquenta Sombras Mais Negras

AXN

17.32 Snowden **20.21** Elysium **21.15** Dredd **23.45** Passageiros **1.43** Os Filhos do Homem

FOX

18.10 A Lenda de Tarzan **20.17** Noé **22.54** John Wick 3 - Implacável **1.16** Jogo de Risco

DISNEY CHANNEL

17.10 Coop & Cami **17.30** Casa da Coruja **18.20** Anfibilândia **19.10** Os Green na Cidade Grande **20.00** Casa da Coruja

DISCOVERY

17.05 Barnwood Builders **19.05** O Segredo das Coisas **21.00** À Pesca de Ouro **22.55** A Febre do Ouro **0.40** À Pesca de Ouro

HISTÓRIA

17.06 11/9: Os Últimos Minutos do Voo 93 **17.51** Roma e o Vício **19.23** A Grande Fuga Americana **20.50** A Maldição de Oak Island **22.57** Alienígenas **1.02** As Guerras dos Videojogos

ODISSEIA

17.27 A História dos Felinos **18.20** A Praia das Tartarugas **19.09** A Onda Verde **20.04** Viver Mais e Melhor **20.46** África Autêntica Desde o Ar **21.36** Mestres da Engenharia **22.30** Engenharia Letal **23.16** Superestruturas **0.10** Mestres da Engenharia **1.03** Engenharia Letal

DESPORTO

Futebol: Euro 2020

TVI, 20h

Directo. A equipa das “quinas” vai a Sevilha jogar os oitavos-de-final com a selecção belga, que terminou a fase anterior no primeiro lugar do seu grupo. O alemão Felix Brych arbitra a partida.

SÉRIE

Paris Polícia 1900

RTP2, 21h59

Estreia. Intriga, crime e conspirações em plena *belle époque*. Eis o resumo da série francesa centrada em Antoine Jouin (Jérémy Laheurte), um detective que se encarrega do caso de uma mulher encontrada morta no Sena, sem imaginar que está prestes a enredar-se numa trama que alcança as mais elevadas instâncias do país.

MÚSICA

Pianomania! - Daniil Trifonov

RTP2, 23h

“Tem a delicadeza, mas também o elemento demoníaco. Nunca ouvi nada assim”, disse Martha Argerich sobre Daniil Trifonov, uma das maiores revelações do piano nos últimos anos. Neste concerto, gravado na Gulbenkian, em Janeiro de 2018, juntou-se à orquestra da casa para abrilhantar um programa preenchido por peças de Rautavaara, Schumann e Sibelius, sob a direcção do maestro finlandês Hannu Lintu.

INFANTIL

Spycies - Agentes Especiais (V. Port.)

TVCine Emotion, 10h

Dois agentes secretos – um gato veterano que não gosta de regras e uma ratazana novata que só quer videojogos e televisão – têm de se unir para recuperar um objecto secreto roubado por uns intrusos.

A Casa Fantasma (V. Orig.) SyFy, 21h30

Nomeado para o Óscar de melhor filme de animação, foi o primeiro de Gil Kenan como realizador. Na véspera do Dia das Bruxas, D.J., Chowder e Jenny descobrem que a casa em frente à de D.J. está assombrada. Parece ter vida própria e engolir tudo o que se aproxima. Mas os três jovens arquitectam um plano para vencer as forças do mal que a dominam.



Jogue também online.
Palavras-cruzadas,
bridge e sudoku em
www.publico.pt/jogos

Totoloto

8 13 32 37 49 1

1.º Prémio 4.300.000€

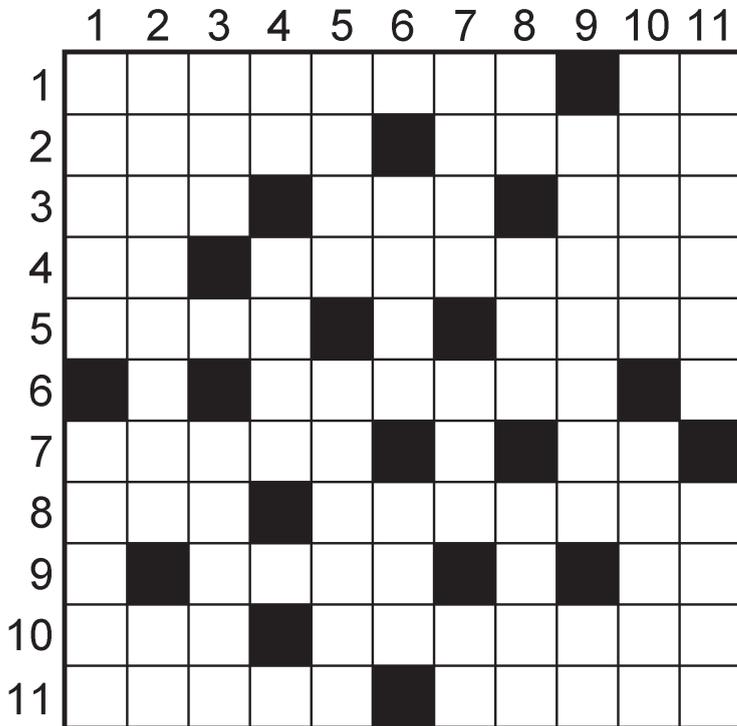
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

CRUZADAS 11.384

Paulo Freixinho
palavracruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1. Juntamente com o Youtube, registaram perdas de utilizadores em Portugal em 2020. Avenida (abrev.). **2.** Planta do tipo da família das anonáceas. Quer ser cenário de filmes e criou uma nova comissão para o afirmar. **3.** O tio dos americanos. Chega aos ouvidos. Fúria. **4.** Artigo antigo. Castigar. **5.** «Abre o poço, antes que tenhas (...)». País africano cuja capital é Bamako. **6.** Empresa acusada de destruir milhares de produtos todas as semanas. **7.** Deixa só. Comissão Europeia. **8.** Também não. Trayvon (...), velocista norte-americano, é o pretendente à coroa de Usain Bolt. **9.** Aquele que nega a existência de Deus. Segundo. **10.** Anotação musical para indicar repetição. Palavrado astucioso para enganar (popular). **11.** Poema lírico composto de versos desiguais. Estar informado.

VERTICAIS: 1. Períodos. Impede (um movimento natural). **2.** Recuo no tempo ou convalescença. Internet Protocol (sigla). **3.** Preposição que indica companhia. Terceira divisão do estômago dos ruminantes. **4.** Estrada Nacional. Autêntico. **5.** Suporte. Cão bravo de Angola. **6.** Decide-se por. Caminho numa povoação. **7.** Tornar volumoso ou balofo. Prefixo (animal). Símbolo de nanossegundo. **8.** Abreviatura de knock-out. O ómago. Alvo (fig.). **9.** Seguidilha popular ou pequeno canto épico. Prefixo (afastamento). **10.** Estante para suporte de livros ou pautas de música, abertos para leitura. O escol. **11.** Conjunto de aves, especialmente as empregadas na caça de altanaria. Ligar.

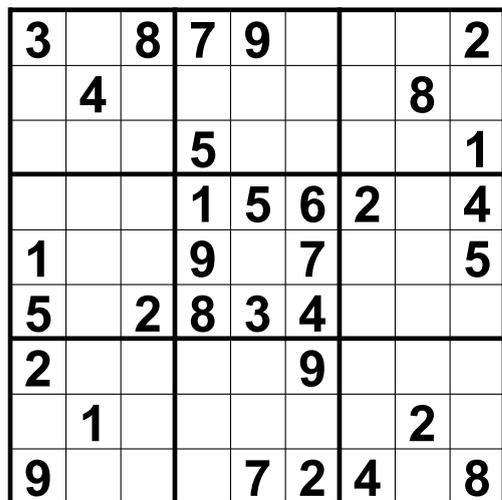


Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1. Agrupa. Fopa. **2.** Drogas. Usou. **3.** Nadar. Aram. **4.** Narda. BD. **5.** CDS. Arrolou. **6.** Re. Ale. Siso. **7.** Mi. Eras. **8.** Avia. Tal. **9.** Pedro. Braga. **10.** Aã. Mandarin. **11.** loga. lodara.

VERTICAIS: 1. ADN. Cru. Pai. **2.** Grande. Leão. **3.** Rodas. **4.** Ugar. Alarma. **5.** Pardal. Voa. **6.** As. Areei. **7.** Rabdo. **8.** Furiosa. Rad. **9.** Osa. Listara. **10.** Pombos. Agir. **11.** Au. Duo. Lama.

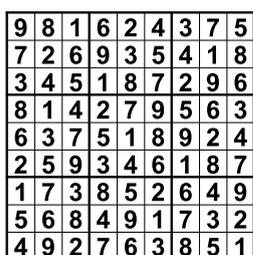
SUDOKU

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

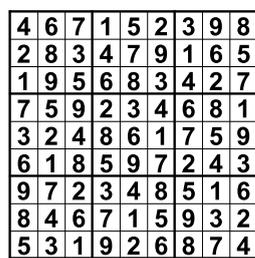


Problema 10.542
 Dificuldade: Fácil

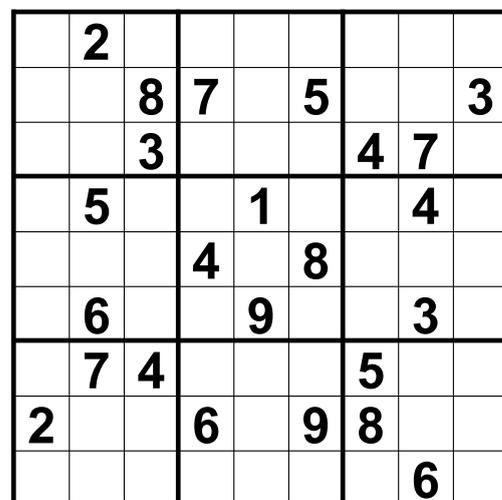
Solução do problema 10.540



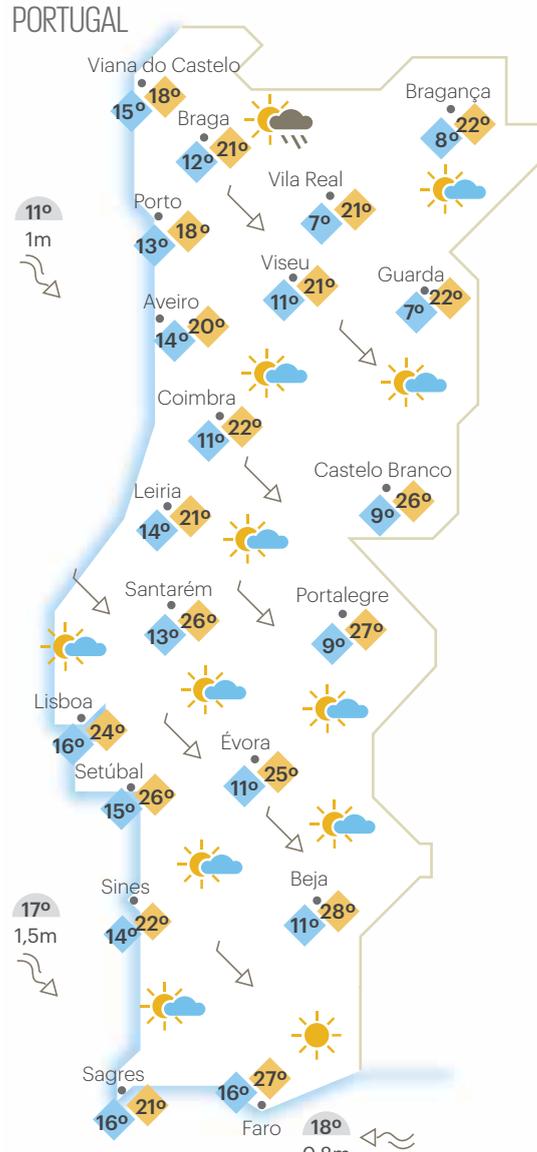
Solução do problema 10.541



Problema 10.543
 Dificuldade: Muito difícil



TEMPO PARA HOJE



PRÓXIMOS DIAS PORTO

Segunda-feira, 28	Terça-feira, 29
13° 19°	12° 20°
UV Fraco Vento Moderado Humidade 60%	UV Extremo Vento Fraco Humidade 60%
Quarta-feira, 30	Quinta-feira, 1
13° 20°	13° 21°
UV Extremo Vento Fraco Humidade 61%	UV Extremo Vento Fraco Humidade 62%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havaí

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
 Valores por semana

Semana de 13 Jun.	419,06
Semana de 6 Jun.	419,47
Há um ano	416,50
Há dez anos	394,08
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

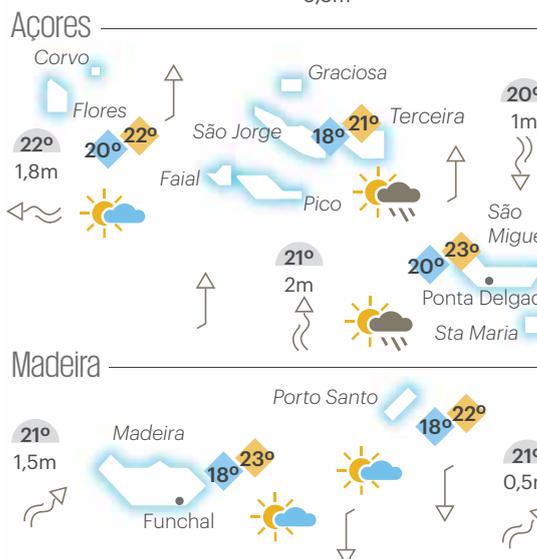
Portugal

Porto	Muito Bom
Coimbra	Bom
Lisboa	Médio
Évora	Fraco
Faro	Mau



LUA

Crescente	17 Jul.	10h11
Cheia	24 Jul.	02h37
Minguante	01 Jul.	21h11
Nova	10 Jul.	01h17



MARÉS

Local	Preia-mar	Baixa-mar	*de amanhã
Leixões	05h36	11h08	11h02
Cascais	11h35	17h29	17h38
Faro	17h53	23h47	23h39
	00h12*	06h02*	06h05*

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Estar bem

Nós, os ratos e os adoçantes

Se acompanhar uma bifana com batatas fritas e molhos com um refrigerante *light* e fumar um cigarro no fim, pode ter a certeza de que o refrigerante é o componente mais inócuo dessa refeição

Pedro Carvalho

O recente gesto de Cristiano Ronaldo promovendo água em detrimento de refrigerantes foi falado em todo o mundo e capitalizado por muitos nutricionistas como um gesto épico e à escala global de educação alimentar (independentemente das incoerências sobre os patrocínios passados e da associação atual a promotores de pseudociência). Foi então o suficiente para se voltar a falar da tríade: refrigerantes, açúcar e adoçantes e o seu impacto na saúde. Sobre os adoçantes existem sempre muitas dúvidas:

O seu valor calórico é mesmo zero? Em grande parte dos casos, sim e, nos que não o é, a quantidade utilizada é tão baixa que a contribuição para as calorias do alimento é muito pequena;

Causam cancro? Não. Os adoçantes artificiais não estão associados a um aumento do risco de cancro (mesmo o aspartame, que não se livra dessa fama), sendo que as associações com significado estatístico até vão no sentido contrário, o da redução do risco de cancro do ovário e pâncreas.

São piores que o açúcar? Não. Os adoçantes têm um papel importante na redução da ingestão calórica quando em substituição do açúcar, contribuindo desse modo para uma maior perda de peso (sobretudo de pessoas com excesso de peso e obesidade).

Podem interferir com a nossa microbiota (flora intestinal) e aumentar o risco de diabetes a longo prazo? Não necessariamente. Desde um célebre estudo em 2014 que este era um dos principais receios quanto aos adoçantes, o de melhorar o nosso controlo glicémico a curto prazo, mas ir deteriorando-o ao longo do tempo. Acontece que, quando se analisa esse efeito em humanos com doses de consumo normais em vez de megadoses em ratinhos, não existe evidência de que esse risco seja real. A extrapolação precoce de resultados em animais para a evidência em humanos é um isco fácil

para os *media*, cada vez mais dependentes do *clickbait* para sobreviver. É por isso necessário que exista total transparência na comunicação da ciência, tendo sido recentemente notícia um estudo que concluiu que, quando os títulos dos artigos científicos omitem os ratinhos, as notícias também tendem a fazê-lo, existindo mesmo a conta no Twitter @justsaysinmice para alertar para esse tipo de situações. Outro ponto curioso é que o edulcorante que até pode interferir mais com a nossa microbiota é o mais “natural” de todos e o que tem maior aura de saudável!

A *stevia* parece ter uma influência bem maior na alteração da nossa população bacteriana intestinal do que outros adoçantes como o aspartame, acessulfame K, sacarina, sucralose e todos os polióis (que até possuem efeito prebiótico). Curiosamente, também é a *stevia* que tem uma menor dose diária de ingestão aceitável em comparação a todos os outros adoçantes, o que quer dizer que a promoção deste edulcorante como o mais “saudável” pode não

Os adoçantes causam cancro? Não. Os adoçantes artificiais não estão associados a um aumento do risco de cancro

ser igualmente muito feliz. É importante realçar que esta dose diária aceitável deste e de outras substâncias corresponde a uma quantidade 100 vezes inferior à quantidade mínima que se verifica ter efeito negativo em animais.

É importante contextualizar que toda esta discussão académica só interessa aos nutricionistas e outros profissionais da área. Quando se sai fora dessa bolha, a pessoa “normal” apenas quer ver uma resposta muito simples respondida: “Os adoçantes fazem mal?” Ou então: “É melhor beber um refrigerante açucarado ou a sua versão *light/zero*?” Grande parte delas nem sequer sabe o que a palavra “microbiota” quer dizer e quando souberem desses potenciais riscos a longo prazo e apenas observados em ratinhos vão certamente dizer que “vão morrer de outra coisa antes disso”.

Esta mensagem não deve ser percebida como uma promoção dos refrigerantes ou de outros alimentos com adoçantes, mas como uma humanização do discurso para pessoas reais, em vez do tradicional “nutricionalmente correto” de que é preciso eliminar tudo da alimentação. Poder beber um refrigerante doce, fresco e sem calorias porque estão mais de 30 graus ou quando o prato pede mais do que apenas uma água é de facto uma excelente notícia!

Se acompanhar uma bifana com batatas fritas e molhos com um refrigerante *light* e fumar um cigarro no fim, pode ter a certeza de que o refrigerante é o componente mais inócuo dessa refeição. Os adoçantes são um avanço científico que permite uma poupança gigantesca de açúcar e calorias ingeridas, mas que deve ser na mesma encarado como algo esporádico e nas refeições fora de casa, sobretudo pela criação de um hábito pernicioso de existir sempre uma bebida doce a acompanhar uma refeição que pode alterar o nosso paladar e levar a uma procura aumentada por alimentos doces. Por isso, uma dica útil é nunca ter estes produtos em casa e a tê-los, sempre em latas individuais e não em garrafas, pois, a partir do momento em que abre o frigorífico e vê uma garrafa de refrigerante aberta, muito dificilmente vai preferir beber água.

Neste e noutros casos, cada vez mais se torna importante olhar à nossa volta e fazer uma simples reflexão: quão boa deve ser a nossa vida, para que o nosso principal medo seja um adoçante artificial... Não deixe que mais um problema de primeiro mundo afete negativamente a sua relação com a comida.



Um pan-africanista também chora

Homem de emoção fácil, o primeiro Presidente da Zâmbia e o último dos líderes das lutas de libertação africanas deixa um “gigantesco legado” que ainda está por cumprir

António Rodrigues

Se os dias de luto nacional funcionam como medida para aferir a importância de um líder político, então é de ficar impressionado que o Presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa, tenha decretado dez dias de luto no país, depois de ter, ele próprio, dado a notícia aos sul-africanos da morte de Kenneth Kaunda, o velho lutador pela independência da Zâmbia falecido no dia 17.

O “pai da independência e unidade africanas”, como lhe chamou Ramaphosa, nascido em 1924 e crescido na luta contra os britânicos, foi uma das mais importantes figuras do pan-africanismo. Um líder político que soube, como poucos, defender o humanismo e a fraternidade entre os povos, que soube reconhecer que todos somos tentados pela ambição e que, por isso, é preciso criar instituições e Constituições sólidas que impeçam os líderes políticos de se deixarem cegar pelas suas próprias ambições. Kenneth Kaunda viveu para ver como nem mesmo as Constituições condicionam os desejos desmesurados de muitos líderes africanos em se agarrar ao poder, transformando as cartas magnas de muitos países em instrumentos do jogo político, que ora limitam, ora estendem mandatos – que ora enquadram, ora restringem as oposições.

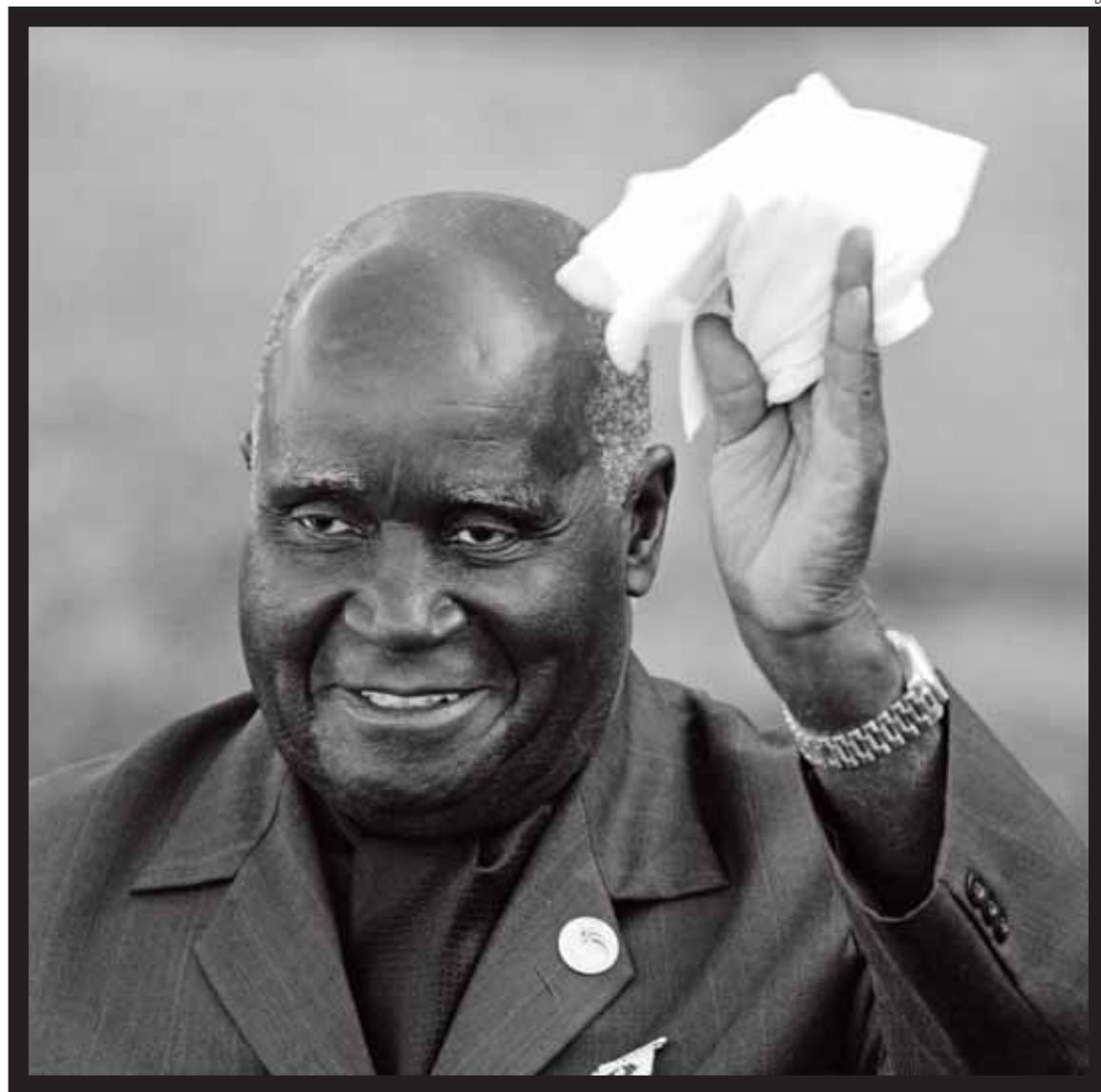
O homem que transformou um lenço branco em símbolo (que muitas vezes usava para limpar as lágrimas quando se emocionava – e isso acontecia muitas vezes) e que, também ele, ficou no poder tempo de mais (27 anos) soube, no entanto, aceitar em 1990 (ainda assim, muito a custo e sob pressão)

que o tempo do partido único chegara ao fim e abriu o sistema político zambiano ao multipartidarismo.

Kaunda e o Partido Unido para a Independência Nacional (que criou depois de sair do Congresso Nacional Africano da Rodésia do Norte) acabaram por sofrer uma pesada derrota nas eleições de 1991. O “Pai da Nação” zambiana, o homem que inspirou muitos lutadores de África, saía pela porta pequena dos números, mas com o gesto nobre dos grandes.

“Foram momentos altos, muito inspiradores”, disse, mais tarde, à BBC. “Muitas pessoas acreditavam que era preciso uma mudança. As pessoas começaram a pensar que devíamos voltar para a democracia multipartidária. Não coloquei entraves – disse sim. Tinha três anos até ao fim do mandato, mas resolvi encurtá-lo. Realizámos eleições. Perdi. Quando os resultados foram divulgados, telefonei ao homem que liderava a oposição. Disse-lhe: ‘Parabéns, ganhou’.” Não vieram momentos felizes. O homem que andara na luta de libertação desde os anos 1940 e que chegara ao poder em 1964 não tinha sequer casa própria em Lusaca e deixava de ter os privilégios de chefe de Estado para ser confrontado com os dissabores de passar à oposição.

Mesmo sem exercer o poder do partido único com a brutalidade e a violência que outros governos em África, Kaunda (K.K., como o conheciam) acabou por ser encarado com hostilidade como líder da oposição. Retaliações que redundaram, no extremo, em seis meses na cadeia (“penso que essa prisão foi o meu momento mais



Kenneth Kaunda Político 1924-2021

baixo”), depois de uma tentativa de golpe de Estado, e no assassinio do filho Wezi pelas forças do Governo de Frederick Chiluba (“foi um momento terrível”), que o acusaram de conspirar para recuperar o poder para o pai.

Chiluba chegou a querer extraditar Kaunda, argumentando que era malawiano. E promoveu a mudança da Constituição (lá está o seu uso na luta política) para impedir que pessoas com pais estrangeiros pudessem concorrer à Presidência, só para evitar que o ex-chefe de Estado voltasse ao poder. Até foi declarado apátrida pelo Tribunal Superior de Ndola em 1999, decisão revertida pelo

Supremo Tribunal, que o declarou “cidadão zambiano”.

Com o passar do tempo, o último sobrevivente dos grandes líderes da libertação africana acabaria por voltar a ganhar o lugar no coração dos zambianos: “As pessoas estavam fartas dele no fim, mas agora há uma grande nostalgia pela sua liderança, especialmente por ser visto como um unificador”, disse ao *The Washington Post* Scott Taylor, do programa de estudos africanos da Universidade de Georgetown. A canção-homenagem com que vários músicos se despedem de Kaunda lembra o seu mote: “Uma Zâmbia, uma nação.” E, tantos anos depois da derrota de 1991, muitos recordam o argumento que o ex-Presidente usava para defender o regime monopartidário: que o multipartidarismo conduziria ao caos e à tensão tribal.

“Grande parte do país parece hoje mais dividido, regional e etnicamente. As pessoas olham para o tempo de Kaunda como aquele em que se cumpriu o seu *slogan*”, acrescentou Scott Taylor. O homem que cunhou essa ideia da Zâmbia una e indivisível, que

morreu no Hospital Militar de Maina Soko, na capital zambiana, no dia 17, vai a enterrar no dia 7 de Julho, com todas as honras, no cemitério presidencial. As exéquias realizam-se no dia 2, no Estádio dos Heróis Nacionais, com lotação para 60 mil pessoas. Desde quarta-feira, o caixão está em peregrinação pelas dez províncias do país, com missa de corpo presente em todas elas.

Além da África do Sul, também Botswana, Namíbia, Tanzânia e Moçambique declararam luto nacional e Filipe Nyusi, o Presidente moçambicano, falou no “gigantesco legado” deixado pelo ex-Presidente zambiano e o seu contributo na defesa da “paz e segurança na região e em todo o continente”.

Como escreve Adalberto da Costa Júnior, líder da UNITA, principal partido da oposição em Angola e que manteve sempre laços com Kaunda: o líder político zambiano parte “numa altura em que o seu país em particular e o continente em geral enfrentam enormes desafios”, para “prosseguir a obra iniciada pelos precursores do pan-africanismo”.

Determinada a fazer os homens sofrer

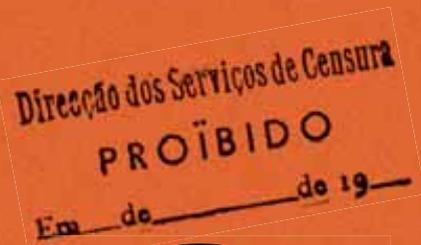
CENSURA NO FEMININO LIVROS PROIBIDOS

OBRAS DAS AUTORAS PORTUGUESAS CENSURADAS PELA PIDE.

Num total de 21 obras, escritas por 9 mulheres, que foram censuradas pelo Estado Novo, escolhemos 10 para lançar esta colecção. São fac-símiles das primeiras edições e incluem os relatórios de censura.

Em 1937, Maria Archer publicou a novela *Ida e Volta duma Caixa de Cigarros*, cuja acção gira em torno de Marietta, que mantém uma relação com Manuel e, posteriormente, outra com Vitor. Contrariando a imagem da mulher submissa, Marietta está determinada a fazer os homens sofrer, atizando-lhes o desejo mas não tendo qualquer intenção de os amar. "A autora compraz-se na volúpia do pormenor sensual, que parece ser o único objectivo" é referido no documento que menciona a apreensão do livro pela polícia.

10) "IDA E VOLTA DUMA CAIXA DECIGARROS"
MARIA ARCHER



+6.90€
SEX 2 JUL
COM O PÚBLICO
P



1 NOVAS CARTAS PORTUGUESAS Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa 2 O VINHO E A LIRA Natália Correia 3 CASA SEM PÃO Maria Archer 4 DECADÊNCIA Judith Teixeira 5 FALSOS PRECONCEITOS Nita Climaco 6 O TESTAMENTO Fiama Hasse Brandão 7 A MAGRIZELA Maria da Glória 8 VINTE ANOS DE MANICÓPIO Carmen de Figueiredo 9 MINHA SENHORA DE MIM Maria Teresa Horta 10 IDA E VOLTA DE UMA CAIXA DE CIGARROS Maria Archer

ABELA E O MONSTRO ~~LIVROS PROIBIDOS~~

APOIOS:



APOIOS INSTITUCIONAIS:

